

**HERMÍNIA VICENTE TAVARES**

**Apoio pedagógico às crianças com  
necessidades educacionais especiais  
DISLEXIA e TDAH**

**São Paulo**

**2008**

**HERMÍNIA VICENTE TAVARES**

**Apoio pedagógico às crianças com  
necessidades educacionais especiais  
DISLEXIA e TDAH**

Trabalho de Conclusão de Curso de Pós-Graduação,  
Lato-Sensu em Distúrbio de Aprendizagem apresentado  
à Disciplina de Oftalmologia da Faculdade de Medicina  
do ABC, tendo como orientadora Professora Ms. Lucilla  
da Silveira Leite Pimentel.

**São Paulo**

**2008**

## **FICHA CATALOGRÁFICA**

Tavares, Hermínia Vicente

Apoio Pedagógico às crianças com necessidades educacionais especiais  
DISLEXIA E TDAH / Hermínia Vicente Tavares – São Paulo Disciplina de  
Oftalmologia da Faculdade de Medicina do ABC – Centro de Referência em  
Distúrbios de Aprendizagem, 2008.

Total de folhas: 84 Folhas ilustradas: 13

Orientadora: Ms. Lucilla da Silveira Leite Pimentel

## Folha de Aprovação

# Apoio Pedagógico às crianças com necessidades educacionais especiais - DISLEXIA e TDAH

**Hermínia Vicente Tavares**

Monografia apresentada como requisito parcial do Curso de Pós-Graduação em Distúrbios de Aprendizagem pela Disciplina de Oftalmologia da Faculdade de Medicina do ABC – Centro de Referência em Distúrbios de Aprendizagem CRDA.

### **BANCA EXAMINADORA**

Examinador(es):

---

---

Assinatura(s):

---

---

Aprovado (a) em \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

***Dedicatória***

***Ao meu pai (in memoriam), pelo amor, carinho,  
dedicação, incentivo  
e exemplos dados durante sua vida.***

***Às crianças com necessidades especiais –  
razão ímpar deste trabalho.***

## **Agradecimentos**

***A Deus, por abençoar-me sempre.***

***Aos meus pais, pelas incansáveis palavras de incentivo e apoio em todos os momentos. Ao meu pai, que onde está, tenho certeza de que continua acreditando em mim. À minha mãe, não biológica, mas mãe, que confiou em mim, deixando muitas vezes suas realizações pessoais de lado, para que eu concretizasse um dos meus sonhos.***

***À equipe de professores do Curso de Pós-Graduação, Lato-Sensu, pelos ensinamentos.***

***À Professora Orientadora Ms Lucilla da Silveira Leite Pimentel, por suas valiosas e enriquecedoras contribuições e orientações que me permitiram enfrentar este desafio.***

***Aos colegas desta “viagem”, em especial a Rosangela Zanesco e Aparecida Valentina Rosin, pelo companheirismo de sempre.***

***À professora e psicopedagoga Cristina Castão, pelas atividades desenvolvidas com alunos portadores de necessidades educacionais especiais, visando à integração dos mesmos, cujos resultados serviram de fonte inspiradora para a complementação deste trabalho.***

***Aos amigos educadores e, principalmente, aos alunos, que, ao longo de nossa caminhada escolar, muito enriquecem minha vida pessoal e profissional.***

***“O sonho pode estar distante, mas caminhar é preciso”***

SILVINHO NETO – presidente do Conselho  
da Defesa da Criança e do Adolescente  
(CEDA) – 1997

## RESUMO

Este trabalho pretende gerar uma reflexão sobre a importância de a escola atender, de modo diferenciado, aos alunos portadores de necessidades educacionais específicas. Para isso, apresenta os resultados de uma pesquisa sobre a prática pedagógica realizada com um grupo de cinquenta e cinco educadores da rede pública e particular, com a finalidade de sugerir tarefas de apoio pedagógico e também uma proposta de avaliação mais ampla e adequada para alunos que apresentam deficiência em aprendizagem, especialmente Dislexia e TDAH, em consonância às leis da Educação Especial no Brasil. Os dados obtidos a partir da análise dos resultados dessa pesquisa foram o ponto de partida para a sugestão de atividades diversificadas – uma contribuição significativa para a atuação do professor, tanto no contexto da sala de aula quanto no processo avaliativo aplicado na criança com necessidades educacionais especiais. Mais importante será a percepção do progresso, ainda que lento, desses alunos e também a grata sensação de ter colaborado para isso.

**PALAVRAS – CHAVE:** Necessidades especiais – Educadores – Flexibilidade – Avaliação – Dislexia e TDAH.

## ABSTRACT

This search intends to generate a reflection about the approach that the school brings in a differentiated way to the specific educational needs bearers students. It presents the results from a search about the pedagogical practice done among fifty-five educators from public and private system of teaching, suggesting some tasks of pedagogical support and also a broader and more suitable evaluation proposal for students that presents deficiency on learning specially Dyslexia and Hyperactivity and Learning Deficit Disruption (TDAH), inserted to the special Education laws in Brazil. The information obtained from the analysis of the results of this search were the reason to the start the differentiated tasks – it was a considerable contribution to the teacher acts such the context from the classroom as to the evolution process applied to the special educational needs children. The more important will be the perception of the progress, though slow, from these students and the grateful sensation to contribute for this aim.

**KEYWORDS:** Special needs – Educators – Flexibility – Evaluation – Dyslexia and Hyperactivity and Learning Deficit Disruption (TDAH).

## SUMÁRIO

<b>Introdução .....</b>	<b>1</b>
<b>Objetivo .....</b>	<b>5</b>
<b>Capítulo I - Crianças com necessidades especiais e as leis da educação..</b>	<b>6</b>
1. O que são crianças com necessidades especiais .....	6
1.1 Dislexia.....	7
1.2 Transtorno do Déficit de Aprendizagem e Hiperatividade (TDAH) .....	9
2. Amparo Legal e a criança com necessidades especiais .....	11
<b>Capítulo 2 - O currículo, a avaliação e a atuação do professor .....</b>	<b>13</b>
1. Flexibilidade do Currículo e Adaptação às necessidades de algumas crianças .....	13
2. O trabalho diferenciado do professor .....	16
<b>Capítulo 3 - Uma proposta de trabalho e de avaliação para alunos com necessidades especiais .....</b>	<b>20</b>
1. Pesquisa .....	20
1.1 Apresentação.....	20
1.2 Ficha da Pesquisa .....	21
1.3 Dados Obtidos .....	22
1.4 Análise Interpretativa.....	27
1.5 Sugerindo Atividades.....	39
2. Proposta de apoio pedagógico para crianças disléxicas e com TDAH.....	41
<b>Conclusão .....</b>	<b>44</b>
<b>Referências Bibliográficas .....</b>	<b>47</b>
<b>Anexos .....</b>	<b>49</b>

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Figura 1** – Distribuição dos participantes da pesquisa segundo o sexo.....22
- Figura 2** – Distribuição dos participantes da pesquisa por rede de escola .....22
- Figura 3** – Distribuição dos participantes da pesquisa segundo a idade .....23
- Figura 4** – Distribuição dos participantes da pesquisa segundo o tempo de magistério..... 23
- Figura 5** – Distribuição dos participantes da pesquisa segundo a experiência atual com alunos que possuem necessidades educacionais especiais .....24
- Figura 6** – Distribuição dos participantes da pesquisa segundo os tipos de necessidades especiais mais comuns entre seus alunos ..... 25
- Figura 7** – Distribuição dos participantes da pesquisa segundo a experiência anterior com alunos portadores de necessidades especiais ..... 25
- Figura 8** – Apresentação de resultados finais dos alunos com dificuldades ou distúrbio de aprendizagem ..... 26
- Figura 9** – Distribuição dos participantes da pesquisa de acordo com o reconhecimento da importância de avaliação diferenciada para os alunos com necessidades especiais ..... 26
- Figura 10** – Distribuição dos participantes de acordo com a coerência de sua resposta à questão anterior.....27

<b>Figura 11</b> – Ilustra a análise interpretativa da distribuição dos participantes da pesquisa segundo o sexo .....	28
<b>Figura 12</b> – Ilustra a análise interpretativa da distribuição dos participantes da pesquisa por rede de escola .....	28
<b>Figura 13</b> – Ilustra a análise interpretativa da distribuição dos participantes da pesquisa segundo a idade .....	29
<b>Figura 14</b> – Ilustra a análise interpretativa da distribuição dos participantes da pesquisa segundo tempo de magistério.....	30
<b>Figura 15</b> – Ilustra a análise interpretativa da distribuição dos participantes da pesquisa segundo a experiência atual com alunos que possuem necessidades educacionais especiais.....	30
<b>Figura 16</b> – Ilustra a análise interpretativa da distribuição dos participantes da pesquisa segundo os tipos de necessidades especiais mais comuns entre seus alunos.....	32
<b>Figura 17</b> - Ilustra a análise interpretativa da distribuição dos participantes da pesquisa a experiência anterior com alunos portadores de necessidades especiais .....	32
<b>Figura 18</b> – Ilustra a análise interpretativa apresentação dos resultados finais dos alunos com dificuldades ou distúrbios de aprendizagem.....	33
<b>Figura 19</b> – Ilustra a análise interpretativa da distribuição dos participantes da pesquisa de acordo com o reconhecimento da importância de avaliação diferenciada para os alunos com necessidades especiais.....	34

**Figura 20** – ilustra a análise interpretativa da distribuição dos participantes de acordo com a coerência de sua resposta à questão anterior..... 35

## INTRODUÇÃO

Tendo vivenciado a área da educação em salas de aula, por mais de vinte e cinco anos, tanto em escolas públicas como em escolas particulares, surpreendia-me, ora entusiasmada pela realização de meus ideais de educadora junto a alguns alunos, ora angustiada por não encontrar caminhos que solucionassem ou, até mesmo, amenizassem as dificuldades de aprendizagem apresentadas por outros tipos de alunos. Alunos esses que, com certeza, tinham suas potencialidades e habilidades manifestadas, mas nós, inexperientes e mal informados professores, não as enxergávamos. Era um tempo em que a busca de entendimento sobre as causas dos problemas de aprendizagem escolar concentrava-se na criança, por ser ela a portadora de atraso no desenvolvimento psicomotor, perceptivo, lingüístico, cognitivo ou emocional. Essas deficiências a levariam a não ter a prontidão necessária à alfabetização no momento de ingresso na escola. Levariam também, a se sair mal nos testes de inteligência que acusavam, via de regra, um QI muito baixo.

As dificuldades de aprendizagem, nesse contexto, dever-se-iam basicamente ao fato de que a escola não estaria levando em conta as diferenças de desenvolvimento e desempenho de suas crianças. Os professores estariam esperando classes repletas de crianças idealizadas, quando, na realidade, a clientela que se encontrava nesses locais era outra. Já naquela época, era necessário preparar a escola e em especial os professores, para que apresentassem metodologias e avaliações mais adequadas à realidade dos alunos com dificuldades de aprendizagem.

No entanto, hoje, as causas das dificuldades de aprendizagem das crianças estão sendo buscadas em instâncias do processo educativo, desde a política e a legislação educacional até a situação do professorado, à formação e à valorização profissional do professor e suas condições de trabalho. Entre esses fatores podemos mencionar as vicissitudes burocráticas, legais e institucionais do trabalho

do professor: a segmentação da tarefa escolar, a sobrecarga de trabalho burocrático, as repercussões da Lei. Dá-se, portanto, uma mudança de foco. Se este, num determinado momento, foi a criança e tentou-se buscar nela, através de uma abordagem medicalizada e psicologizada, a fonte da dificuldade, agora o centro da análise é fundamentalmente o processo de produção do fracasso escolar dentro da instituição-escola.

Pesquisas sobre as causas do fracasso escolar estão no presente, muito mais voltadas para o que se chama de causas intra-escolares desse fracasso.

De alguma maneira, a concepção segundo a qual a criança que não consegue aprender é portadora de dificuldades e de deficiências pessoais é um momento superado na pesquisa educacional.

Hoje, a qualidade da relação professor-aluno assume uma importância que não tinha anteriormente. Não se trata, contudo, de encontrar um novo réu: se antes os culpados eram a criança e a família, agora ele não pode ser o professor. Temos de entender as condições de trabalho e de formação do professor para entender a qualidade da relação professor-aluno, não só do ponto de vista pedagógico, isto é, do quanto esse professor é competente ou não tecnicamente, mas também em termos de relacionamento afetivo, interpessoal que ele estabelece com seus alunos.

É inaceitável que crianças, jovens e adultos ainda hoje sejam discriminados por apresentarem dificuldades de aprendizagem (troca de letras, sílabas, numerais, etc.) alcançando um rendimento inferior aos demais. Como consequência, tornam-se rebeldes, insatisfeitos com a escola e, por conseguinte, fracassados. O pior é que ainda falta informação profissional dos educadores para lidar com essas diferenças. É exatamente por esse motivo que julgamos fundamental e necessária a discussão sobre o tema que aqui expomos, levando em consideração a possibilidade de contribuir para o esclarecimento das questões que envolvem a aprendizagem de alunos com necessidades educacionais especiais.

A metodologia adotada consta de uma abordagem teórica elaborada a partir de uma consulta a autores preocupados com questões de educação, como Vygotsky, Jussara Hoffmann, Philippe Perrenoud. Incluímos uma pesquisa de campo com professores do ensino fundamental que se submeteram a um questionário sobre seu conhecimento referente às dificuldades de aprendizagem. O resultado encontrado nos levou à proposta de atividades. É objetivando sanar nossas próprias dificuldades em detectar e desenvolver um trabalho pedagógico adequado aos alunos com necessidades especiais, que elaboramos este Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização Lato Senso em “Distúrbios de Aprendizagem”. Ele será apresentado em três capítulos.

O primeiro capítulo assinala conceitos referentes às crianças com necessidades especiais e as Leis que as amparam.

No segundo capítulo há uma descrição sobre a importância da flexibilidade e da adaptação do Currículo e da Avaliação frente aos Distúrbios de Aprendizagem e a atuação do professor junto aos alunos com necessidades educacionais especiais.

O terceiro capítulo apresenta uma pesquisa com cinquenta e cinco professores da rede pública e particular e uma interpretação analítica dos dados obtidos. A partir desses dados encontramos elementos para a construção de nossa proposta de atividades e avaliação para alunos que apresentam necessidades especiais de aprendizagem.

O propósito é ampliar a discussão reflexiva sobre velhos temas, enfocando novas perspectivas, no sentido de levar o conjunto dos professores a assumir um compromisso maior com o ensino-aprendizagem das crianças portadoras de características de Transtorno e Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e Dislexia. Esperamos que tanto a nossa reflexão, quanto as atividades sugeridas nos Anexos I e II, possam levá-los a um posicionamento crítico,

autônomo e consciente frente ao trabalho, tornando a escola mais competente ao ensinar aqueles que dependem quase que exclusivamente dela para a aquisição dos conhecimentos sistemáticos e das habilidades valorizadas pela sociedade.

## OBJETIVO

O presente trabalho tem como objetivos:

- promover um estudo sobre dificuldades de aprendizagem, a partir de pesquisa realizada entre professores sobre seu trabalho com alunos portadores de necessidades especiais.

- analisar os resultados dessa pesquisa, considerando a forma de avaliação a que esses alunos são submetidos.

- provocar reflexão sobre o processo ensino-aprendizagem, bem como sobre o pouco que se faz, uma vez que, geralmente todos os alunos são trabalhados e avaliados da mesma forma, sem que se considere as diferenças individuais das crianças que apresentam necessidades especiais.

- oferecer sugestões e subsídios, como contribuição para que se desenvolva um trabalho de apoio pedagógico aos alunos com dificuldades de aprendizagem, visando a incentivar seu desempenho e a melhorar sua auto-estima de tal forma que, mesmo a passos lentos, aprender se torne algo significativo, prazeroso, com sabor de conquista.

# CAPÍTULO I

## CRIANÇAS COM NECESSIDADES ESPECIAIS E AS LEIS DA EDUCAÇÃO

Este capítulo refere-se ao conceito de crianças com necessidades especiais, ao direito que elas possuem de serem avaliadas de acordo com seu desenvolvimento, às leis que as amparam e ao dever dos professores de atendê-las.

### **1. O que são crianças com necessidades educacionais especiais**

De acordo com a LDB nº 9.394/96 em seu Capítulo V, artigo 58:

A educação especial refere-se à modalidade de educação escolar “oferecida preferencialmente na rede regular de ensino para educandos portadores de necessidades especiais”. Fundamentada neste artigo, a Resolução nº 95, de 21-11-2000, do C.E.E. do Estado de São Paulo, no seu artigo 1º, considera: “alunos com necessidades educacionais especiais aqueles que apresentam significativas diferenças físicas, sensoriais ou intelectuais decorrentes de fatores inatos ou adquiridos, de caráter permanente ou temporário, que resultem em dificuldades ou impedimentos no desenvolvimento do seu processo ensino-aprendizagem.” Portanto, são crianças que não apresentam características pessoais que fazem parte de um padrão social, intelectual e comportamental daquelas ditas “normais”.

Há um consenso popular de que a criança cujo desempenho não se aproxima de um padrão de “normalidade”, seja muito diferente do esperado, daí tornar-se

merecedora de atenção especial, quer da parte dos pais, dos professores ou mesmo dos profissionais da saúde.

Muitos diagnósticos precários e equivocados rotulam e classificam o aluno devido, muitas vezes, a um total desconhecimento por parte dos educadores sobre o que vem a ser distúrbio de aprendizagem, conseqüentemente, podendo trazer resultados desastrosos para a criança.

Esses alunos, quando constatado que são portadores de alguma dificuldade de aprendizagem, num grau leve ou severo provocam ansiedade tanto na família quanto na escola e nos profissionais de educação, pois estes sabem que tal limitação acarretará problemas de ajustamento social e na base da aprendizagem, visto que a convivência e a vivência humana se dão por meio da leitura e da escrita. Isso é o que tem sido cultivado pela nossa cultura.

A experiência profissional e nos resultados obtidos na pesquisa elaborada para este trabalho demonstram que as dificuldades de aprendizagem de maior ocorrência referem-se à criança com Dislexia e TDAH (Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade). Por isso mesmo, serão abordadas a seguir.

### **1.1 Dislexia**

A dislexia é um tipo de distúrbio de leitura que apresenta uma dificuldade específica na aprendizagem da identificação dos símbolos gráficos. Embora a criança apresente inteligência normal, integridade sensorial e receba estimulação e ensino adequados, é uma dificuldade que faz vítimas em todas as classes sociais e em todos os países do mundo.

Devido à falta de informação dos pais e dos professores da pré-escola e à dificuldade de identificar os “sintomas” antes da entrada da criança na escola, a dislexia só vai ser diagnosticada quando a criança estiver no primeiro ou segundo ano do Ensino Fundamental.

A conclusão de um diagnóstico de dislexia é um processo difícil. Envolve uma equipe de profissionais, constituída de Psicólogos, Fonoaudiólogos e Psicopedagogos, pois o diagnóstico é feito a partir da presença ou não de determinados fatores e sintomas. Podem ainda ser envolvidos o Neurologista, o Oftalmologista, o Otorrinolaringologista, o Geneticista e o Pediatra. A troca de informações entre todas as áreas de saúde envolvidas vai permitir que a equipe estude o caso e chegue a um diagnóstico final<sup>1</sup>. (1)

A importância do diagnóstico completo e do encaminhamento adequado está no fato de que não há um acompanhamento padrão, sendo que cada disléxico apresenta combinações de “sintomas” diferentes.

Em geral, a criança disléxica é considerada relapsa, desatenta, preguiçosa, sem vontade de aprender, o que cria uma situação emocional que tende a se agravar, especialmente em função da injustiça que possa vir a sofrer.

Infelizmente as escolas não estão preparadas para lidar com alunos disléxicos. Nela sempre houve disléxicos, mas a escola que se conhece não foi feita para eles. A maioria dos educadores em sua formação profissional não recebe informações sobre este assunto em profundidade.

Quanto ao método aplicado para o trabalho com disléxicos, entende-se que deva ser apropriado e possuir as melhores estratégias para inserir os educandos na sala de aula “normal”, juntamente com outras crianças, com um professor que compreenda seus problemas e que organize suas aulas de forma a poder prestar ajuda extra, dentro da sala de aula, sempre que eles precisarem.

O professor deve estar familiarizado com os métodos de ensino para maior sucesso com a criança disléxica. Esses métodos são baseados num programa de linguagem estruturada e fazem uso de todos os canais sensoriais envolvidos, como audição e visão, uso da memória, tanto na escrita quanto na

---

<sup>1</sup> Essas informações foram adquiridas com o depoimento de coordenadores e orientadores educacionais das escolas onde ocorreu a aplicação dos questionários que se encontram no Capítulo III.

leitura.

Isto é chamado de ensino multi-sensorial. Na criança disléxica, os canais sensório-motores (visual, auditivo, cinésteico-motor, fala), não trabalham em harmonia e o efeito é a incapacidade de produzir uma resposta automática para o estímulo.

O objetivo é que a criança aprenda respostas automáticas, os nomes, os sons e as formas de todos os fonemas e desenvolva a habilidade de seqüenciá-las corretamente.

O professor deve ler as atividades da criança de tal maneira que ele não subestime a sua habilidade. Respostas orais são as melhores indicações de sua habilidade do que o trabalho escrito. A avaliação deve ser feita de acordo com o seu conhecimento e não com suas dificuldades e seus erros ortográficos.

## **1.2 Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH)**

O TDAH é visto pelos especialistas como um dos distúrbios mais comuns entre os educandos. Aqueles alunos desatentos, inquietos, impulsivos, que estão sempre agitados durante as aulas e não conseguem se concentrar quer em atividades individuais quer em grupos, provavelmente, são portadores de TDAH.

Com este trabalho constata-se que a grande maioria dos portadores desse distúrbio precisa de acompanhamento pedagógico extraclasse, com atividades diferenciadas que, no Capítulo III, são sugeridas, visto que os sintomas que eles apresentam, prejudicam o seu desenvolvimento emocional e social.

O TDAH, não é um transtorno exclusivo da infância e, muitas vezes, os sintomas seguem ao longo da vida do indivíduo. É comum encontrá-los em

adultos que já o apresentavam desde a infância, mas nunca tinham sido diagnosticados.

Segundo este estudo, o primeiro passo é diagnosticar o TDAH. Depois é começar o tratamento. Não importa ser criança, adolescente ou adulto; se apresentar desatenção, inquietação e impulsividade, não há dúvida, deve-se consultar um médico. Ele fará todos os testes para esclarecer a real existência do problema. Inicialmente, os especialistas procurados devem ser o Neurologista ou o Psiquiatra.

A criança com dificuldade de aprendizagem tende a ficar muito exausta com seus esforços e erros constantes. Aumentar a carga escolar em casa é uma estratégia geradora de fracassos e desestímulos, logo, mal sucedida. Mesmo porque, geralmente, as crianças disléxicas são também TDAH. A rotina e as distrações devem ser evitadas e as instruções dadas de forma clara, objetiva e simples, para evitar confusões.

É bom lembrar que a criança é a mesma pessoa em casa e na escola, sendo assim, o professor e a família devem ser aliados, sendo fundamental estabelecerem uma linguagem comum no trato com essa criança.

Se ela não pode aprender da maneira ensinada, é melhor ensiná-la da maneira que ela possa aprender. Assim, a primeira tarefa de preocupação deve ser a dos pais e professores, buscando áreas em que a criança se destaca e pondo ênfase nelas. O sucesso obtido naquilo que é capaz de fazer contribui para enfrentar novos desafios.

Ao professor caberá estudar muito. Fazer cursos, ler mais, conhecer e aplicar técnicas especiais de leitura, para que os educandos possam desfrutar de uma leitura compreensiva. É verdade que os disléxicos vão cometer sempre erros ao escrever e os TDAH não vão de um dia para outro ter toda concentração, mas poderão ler normalmente e, inclusive, surpreender em determinadas situações.

Não se encontram métodos, cartilhas, receitas, para trabalhar com alunos disléxicos ou com TDAH. Percebe-se que é preciso mais tempo e mais oportunidades para a troca de informações sobre os alunos, planejamento de atividades e elaboração de instrumentais de avaliação específica. O que se comprovou foi a existência de materiais de fácil acesso, como revistas dedicadas ao público infanto-juvenil, à venda em bancas de jornal, que oferecem atividades que podem ser perfeitamente adaptadas às tarefas escolares como recursos favoráveis ao trabalho com as dificuldades citadas; Dislexia e TDAH, como por exemplo: “Jogos de memória”, “Palavras cruzadas”, “ Encontre os erros” e outros sugeridos nos Anexos I e II.

Rotular uma criança com dificuldade de aprendizagem como desleixada e fracassada é um hábito que deveria ser banido da relação de conceitos existentes na mentalidade humana. O fato é que deveria existir uma fase de preparação, conscientização e até amor em relação a esse educando. Infelizmente, nossa cultura estimula algumas reações emocionais e reprime outras. Os alunos com distúrbio de aprendizagem, como o disléxico e o TDAH, são seres pensantes, atuantes e muito criativos. Basta lhes dar asas e um horizonte.

## **2 – Amparo Legal e a criança com necessidades especiais**

A Lei de Diretrizes e Base da Educação Brasileira – LDB nº 9394/96 – é muito clara quando aponta que a finalidade da educação nacional é de tríplice natureza:

- a) visa ao pleno desenvolvimento do educando
- b) ao preparo para o exercício da cidadania e
- c) à qualificação para o trabalho.

Em momento algum seus artigos e pareceres excluem alunos portadores de necessidades especiais; pelo contrário, em seu Capítulo V, artigo 58, oferece a eles a plena garantia de seus direitos, desde oportunidades escolares para seu desenvolvimento integral como pessoa e cidadão até o acesso ao mercado de

trabalho. Lamentavelmente, o que se observa é que determinadas dificuldades que o indivíduo apresenta tornam-se, preconceituosamente, uma barreira imposta pelo social que o impede de exercer uma profissão ou mesmo ser qualificado para o trabalho.

No entanto, é fundamental salientar que educandos portadores de necessidades especiais têm um amparo legal, como se pode observar no Documento dos Parâmetros Curriculares Nacionais – Brasília, 1999, referente às Adaptações Curriculares – Estratégias para a Educação de alunos com necessidades educacionais especiais. Muitas vezes, tal aparato é desconhecido tanto por parte dos familiares quanto de dirigentes e educadores e, quando se trata de jovens e adultos, dos empregadores que negam o acesso a uma ocupação.

É preciso reconhecer que, atualmente, muitas empresas criaram programas de responsabilidade social e vêm com outros olhos a questão da inclusão, no seu quadro de funcionários, de indivíduos portadores de dificuldades especiais.

No que se refere à escola, ainda fica muito a desejar, pelo fato de que a inclusão, apesar de existir, não tem sido trabalhada adequadamente. Professores despreparados – apesar de muitos com boa vontade – não sabem lidar com dificuldades de aprendizagem e tratam a criança como se ela não apresentasse a problemática, ou simplesmente a isolam.

Inúmeras vezes, currículo, metodologia, atividades e avaliações rígidas e inadequadas ampliam conflitos, ansiedades e fracassos escolares, num visível descompromisso e desatendimento à própria Lei.

## CAPÍTULO II

### O CURRÍCULO, A AVALIAÇÃO E A ATUAÇÃO DO PROFESSOR

Em um sentido mais amplo, o Currículo expressa e busca concretizar as intenções dos sistemas educacionais e o plano cultural definido pela sociedade. Nessa concepção, currículo e projeto político pedagógico da escola estão intimamente ligados à educação para todos que se deseja conquistar e agilizam a sua concretização.

Através do currículo o projeto pedagógico escolar torna-se viável, uma vez que orienta as atividades educativas, as formas de executá-las e define suas finalidades. Pode ser visto como um guia que sugere sobre o que, quando e como ensinar, o que, como e quando *avaliar*.

A escola para todos requer uma dinamicidade curricular que permita ajustar o fazer pedagógico às necessidades dos alunos. Para que as necessidades especiais, daqueles com dificuldades de aprendizagem sejam atendidas na escola regular, é necessário que os sistemas educacionais modifiquem não só as suas atitudes e expectativas em relação a esses alunos, mas, também, que se organizem para construir uma escola real para todos, que dê conta dessas especificidades.

#### **1. Flexibilidade do Currículo e Adaptação às necessidades de algumas crianças**

Para uma adequação curricular viável, a escola precisa considerar o seu cotidiano, levar em conta as necessidades e capacidades dos seus alunos e os valores que orientam a prática pedagógica. Pressupõe-se que a adaptação do currículo regular, quando necessário, deve torná-lo apropriado às peculiaridades dos alunos

com necessidades educacionais especiais. Não um novo currículo, mas um currículo dinâmico, alterável, passível de ampliação, para que atenda eficazmente a todos esses educandos.

A Resolução de 03/05/2000, o C.E.E. do Estado de São Paulo, delibera no artigo 4º que “ o atendimento educacional aos alunos com necessidades educacionais especiais deve ser feito nas classes comuns das escolas em todos os níveis de ensino.

§ 1º Os currículos das classes do ensino comum devem considerar conteúdos que tenham caráter básico, com significado prático e instrumental, metodologias de ensino e recursos didáticos diferenciados e processos de avaliação que sejam adequados à promoção do desenvolvimento e aprendizagem dos alunos com necessidades educacionais especiais.

§ 2º Os alunos com necessidades educacionais especiais devem ser distribuídos pelas classes de uma série de forma equilibrada, de modo a tirar vantagens das diferenças e ampliar positivamente as experiências de todos os alunos, dentro do princípio de educar na diversidade”.

Fica claro a intencionalidade da Lei, que é a de educar para a promoção do aluno, não esquecendo o aspecto ético que é o respeito às diferenças, o que, sem dúvida, envolve a flexibilidade do currículo, dando autonomia às escolas para que possam atender às suas realidades.

A lei ainda permite ao aluno participar integralmente em um ambiente rico de oportunidades educacionais com resultados positivos. Para que isso ocorra, alguns aspectos são considerados imprescindíveis, tais como:

- A preparação e a dedicação da equipe educacional e, em especial, dos professores;
- O apoio adequado e recursos apropriados, quando forem necessários;

- O estudo e adequações das adaptações curriculares para atender os alunos com necessidades educacionais especiais.

O Currículo possui algumas características que facilitam o atendimento dessas necessidades e dentre elas, destacam-se:

- A Flexibilidade, isto é, nem todos os alunos devem atingir o mesmo grau de conhecimento, num determinado tempo; o que significa abertura para que aconteçam alterações;
- Trabalho simultâneo, cooperativo e participativo, entendido como a participação dos alunos com necessidades especiais nas atividades desenvolvidas pelos demais colegas, embora não o façam com a mesma intensidade, nem necessariamente de igual modo ou com a mesma ação e igual grau de abstração;
- Evita a acomodação, ou seja, a consideração de que, ao planejar atividades para uma turma, deve-se levar em conta a presença de alunos com necessidades especiais e contemplá-los na programação.

A maior parte das adaptações curriculares realizadas na escola é considerada menos significativa, porque constituem modificações menores no currículo regular, são facilmente realizadas pelo professor no planejamento normal das atividades docentes e constituem pequenos ajustes dentro do contexto normal de sala de aula. Algumas destas adaptações não significativas do Currículo servem como medidas preventivas, levando o aluno a aprender os conteúdos curriculares de maneira mais ajustada às suas condições individuais de aprendizagem. Portanto, deve-se concluir que um currículo rígido, de rara flexibilidade, fecha as portas para que a criança desenvolva suas potencialidades, participe de atividades de integração e se realize como ser humano, tornando-se um cidadão mais feliz.

As adaptações curriculares avaliativas dizem respeito à seleção de técnicas e instrumentos utilizados para avaliar o aluno e devem sugerir modificações sensíveis na maneira de apresentar as técnicas e os instrumentos de avaliação, a sua linguagem, de forma diferente dos demais alunos, para atender às peculiaridades dos que portam necessidades educacionais especiais.

## **2. O trabalho diferenciado do professor**

Embora muitos professores interpretem as adaptações curriculares como sendo medidas que se referem a um “abrir mão” da qualidade do ensino ou “empobrecer as expectativas educacionais”, as adaptações curriculares podem ser as únicas alternativas possíveis para os alunos que apresentam necessidades especiais, como forma de evitar a sua exclusão.

É o professor quem vai perceber as necessidades e dificuldades de seus alunos, analisar as possibilidades de alterar sua metodologia, adaptar seu currículo e, até mesmo, a forma de conduzir suas aulas e as atividades avaliativas.

O professor precisa criar avaliações diferenciadas ou modificar, ampliar, diversificar a aplicação da avaliação, para atender as crianças com necessidades educacionais especiais.

Muitas vezes, procedimentos simples como: ler as questões de uma verificação de conteúdos (para alunos disléxicos ou com TDAH), fazer questionamentos orais (para alunos disléxicos), são suficientes para que os resultados sejam mais próximos da verdade.

O professor deve estar familiarizado com os métodos de ensino, para maior sucesso com as crianças consideradas especiais. Esses métodos são baseados num programa de linguagem estruturada que faz uso de todos os canais sensoriais envolvidos na audição, visão, memória, tanto na escrita quanto na leitura. Para exemplificar essa argumentação, abaixo é citado um caso de aluno

que foi trabalhado de forma diferenciada e que obteve sucesso na aprendizagem e também na auto-estima.

JP é uma criança de 10 anos. Freqüenta a quarta série de uma escola particular. O nível sócio-econômico familiar é de classe média alta.

Seus professores, principalmente os de Português e de Matemática, apresentaram as seguintes queixas:

- JP tem dificuldade de aprendizagem em leitura e escrita espontânea;
- Comportamento inquieto, movimenta-se sem parar, fala demais, ansioso, dependente e não gosta de cooperar com os colegas;
- Às vezes é agressivo com os companheiros de sala;
- Incapaz de trabalhar ou concentrar-se e distrai-se com facilidade;
- Confuso, parecendo perdido em seus pensamentos;
- Não termina o que iniciou;
- Tem inquietação quando espera sua vez.

#### A estratégia adotada

Após a análise e discussão do caso, a equipe pedagógica da escola (coordenadores, orientadoras educacionais e psicólogas) sugeriu que os professores realizassem atividades de linguagem (ditado) soletrando letra por letra, pois J.P não conseguia escrever as palavras e as frases dos ditados quando esses eram feitos correntemente. Na leitura, outro problema: o aluno se negava a ler, dizendo que não conseguia entender o que estava escrito. Para deixá-lo tranqüilo, os professores leram os textos bem devagar, letra por letra, depois sílaba por sílaba até chegar à palavra; então J.P. se ambientou com as letras e começou a soletrá-las. Percebia-se uma euforia quando ele conseguia ler uma sílaba e acertar. Porém, quando ele era solicitado para que tentasse ler, novamente, ocorria a recusa, mas, após muito incentivo, ele passou a fazer, com grande dificuldade, mas muita força de vontade.

J.P. apresenta lento progresso frente à sua dislexia, com implicação em problemas psicomotores, discalculia e disgrafia. Precisa ainda ser orientado em um trabalho a longo prazo, com muita paciência e atividades com orientação específica aos professores.

As estratégias utilizadas têm sido: atividades orais, jogos, desenhos e todas aceitas para avaliação.

Os professores incentivam J.P. com mensagens positivas, inclusive citando pessoas disléxicas brilhantes, como: Walt Disney, Tom Cruise, Einstein, entre outros.

Esse tem sido considerado um trabalho diferenciado, visto que os educadores de J.P. auxiliam com tarefas de alfabetização bem fáceis que incentivam o acerto e o motivam para demais atividades. Eles orientam as atividades sempre ao lado dele, mostrando os erros, continuamente incentivando-o para que consiga obter um resultado positivo. Em certos momentos JP percebe que os professores ficam ansiosos, mas o estimulam com outras atividades tais como: mostram livros só com figuras para que ele crie sua história, iniciam uma história para que J.P. lhe dê um final para a mesma, ou contam um final para que ele crie oralmente um início.

Após alguns dias, observando J.P, percebem-se melhoras, poucas com certeza, mas, para ele, significativas. É capaz de criar estratégias para resolver seus problemas quando sente que, sozinho, não vai conseguir resolver. JP aos poucos, não foge nem evita atividades de desafio como sempre fazia.

Um exemplo de atividade bem desenvolvida foi a "Hora da Leitura": quando não entende uma palavra, J.P. procura no alfabeto móvel que os professores reproduziram (em cartões) e, fazendo a seqüência de letra a letra, ele vai expressando a palavra que não consegue ler: conhecendo as letras e repetindo-as em voz alta, soletra até chegar à palavra completa.

A paciência e entusiasmo de todos aqueles que o cercam, inclusive a família, quanto ao seu desenvolvimento da aprendizagem contribuem para a eficácia dos procedimentos adotados. Os professores ministraram a J.P. um ensino direcionado, especializado e individualizado, atendendo assim às suas necessidades educacionais especiais e obtendo grande sucesso em seu trabalho.

Este exemplo é revelador quanto à atuação positiva, flexível e adequada frente às dificuldades de aprendizagem apresentadas por J.P., que, aos poucos, tem se apresentado mais feliz, mais participativo, mais “corajoso” para ler e enfrentar os desafios que antes constituíam barreiras intransponíveis e desanimadoras para ele.

## CAPÍTULO III

### UMA PROPOSTA DE TRABALHO E DE AVALIAÇÃO PARA ALUNOS COM NECESSIDADES ESPECIAIS

Depois de muitos embates e polêmicas, corrigindo os erros e reforçando os acertos, fazendo reformulações, incorporando as críticas e sugestões de educadores, alguns destes estão convictos de que não se pode esperar que as mudanças demorem mais a acontecer. A partir de grandes nomes da educação, como Perrenoud e Vygotsky desenvolveram-se pesquisas que muito contribuem para que ocorra essa transformação tão desejada.

Neste capítulo, é apresentada, uma pesquisa com cinqüenta e cinco professores da rede pública e particular, referente ao trabalho com alunos com necessidades especiais e a seguir, a análise dos dados obtidos. Em um segundo momento, é feita uma proposta sobre o “Trabalho de Apoio” e a “Avaliação” que atendam a esses educandos.

#### **1. Pesquisa**

##### **1.1 Apresentação**

Para este trabalho foram selecionados dados colhidos da experiência junto a professores da rede pública e da rede particular, com formação em cursos superiores na área da educação, totalizando cinqüenta e cinco profissionais.

Esta pesquisa tem um enfoque sobre o conhecimento desses educadores a respeito de necessidades especiais de alguns de seus alunos e sobre a importância que conferem à avaliação diferenciada para os mesmos.

Para o desenvolvimento da pesquisa, foi elaborado um questionário, entregue pessoalmente aos professores de um Colégio da rede particular e pelos coordenadores pedagógicos em três escolas da rede pública.

## PESQUISA

**Objetivo:** Coletar dados para desenvolver um Trabalho sobre “Avaliação”

1 - Sexo       Masculino                       Feminino

2 - Trabalha em Escola       Pública       Estadual       Municipal  
 Particular

3 – Idade.....                      4 - Leciona há..... anos

5 – Você leciona para alunos com necessidades especiais que apresentam alguma dificuldade ou distúrbio de aprendizagem?

Sim      Qual? .....

Não

Não sei

6 – Você já lecionou para alunos com necessidades especiais que apresentavam alguma dificuldade ou distúrbio de aprendizagem?

A -  Sim                       Não                       Não sei

B – Em caso positivo, o(s) aluno(s) foi(ram):

Promovido(s)       Retido(s)                       Desistiu(ram)

Aprovados pelo Conselho de Classe

7 – Você reconhece que o aluno com necessidades especiais precisa de uma avaliação diferenciada?

Sim                      Qual?.....

Não

### 1.3 Dados obtidos

Após coleta de dados, quantitativamente, seguem os resultados em forma de gráficos e qualitativamente por meio de uma análise interpretativa.

#### Item 1 – Sexo

Masculino	16
Feminino	39

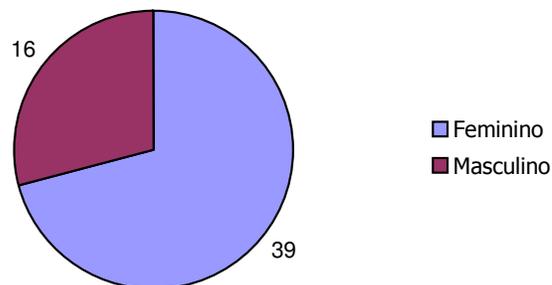


Figura 1 – Distribuição dos participantes da pesquisa segundo o sexo.

#### Item 2 – Trabalha em Escola:

##### A

Pública	47
Estadual	43
Municipal	4

##### B

Particular	19
------------	----

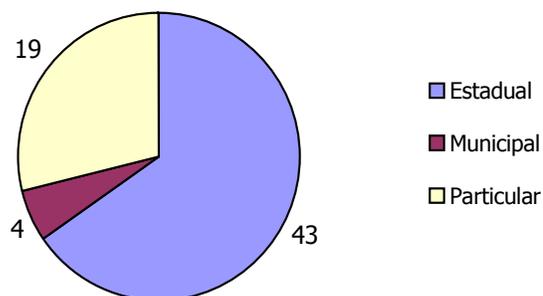


Figura 2 - Distribuição dos participantes da pesquisa por rede de escola.

Observação: Alguns professores da rede particular (14) também ministram aulas na rede pública estadual (43) e na rede pública municipal (4).

*Item 3 - Idade entre:*

21 a 26 anos	4
27 a 32 anos	12
33 a 38 anos	14
39 a 44 anos	12
45 a 49 anos	8
Mais de 50 anos	5

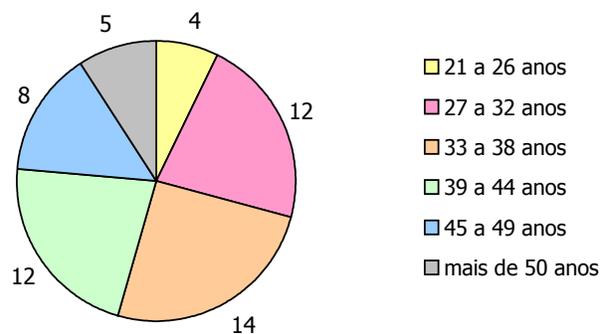


Figura 3 - Distribuição dos participantes da pesquisa segundo a idade.

*Item 4 - Leciona de:*

1 a 6 anos	8
7 a 12 anos	17
13 a 18 anos	18
19 a 24 anos	8
25 a 30 anos	3
Mais de 30 anos	1

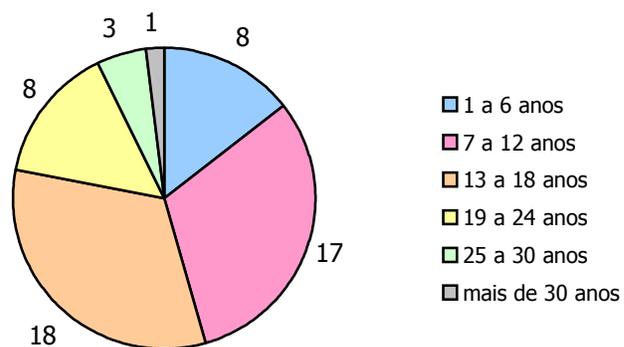


Figura 4 - Distribuição dos participantes da pesquisa segundo o tempo de magistério.

*Item 5 - Você leciona para alunos com necessidades especiais, que apresentam alguma dificuldade ou distúrbio de aprendizagem?*

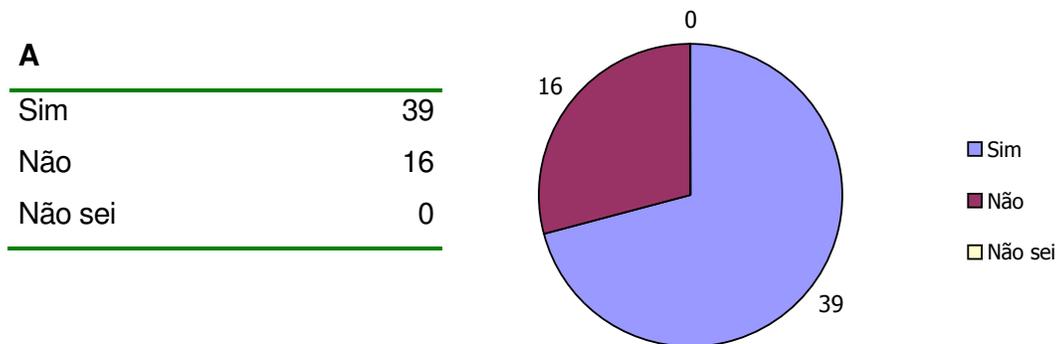


Figura 5 - Distribuição dos participantes da pesquisa segundo a experiência, atualmente, com alunos que possuem necessidades educacionais especiais.

**B - Qual?**

DV	Distúrbio visual	13
DML	Distúrbio Mental Leve	12
DA	Déficit de Atenção	9
DOWN	Síndrome de Down	7
DA	Deficiência Auditiva	6
TDAH	Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade	3
	Autista	1
	Dislético	3

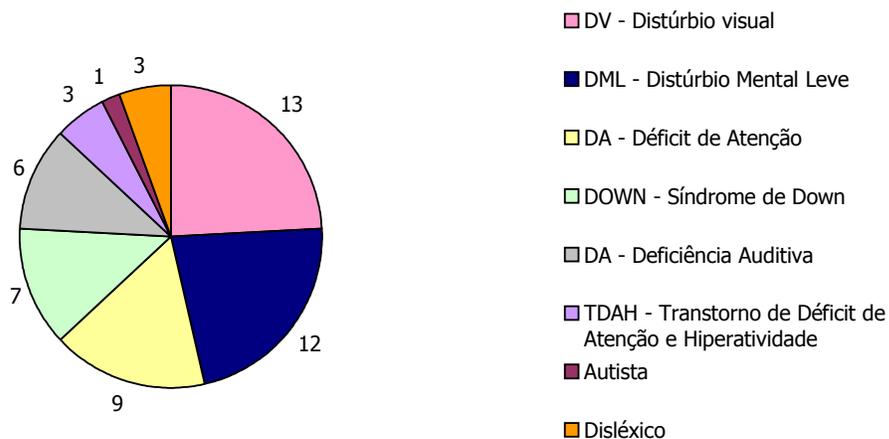


Figura 6 - Distribuição dos participantes da pesquisa segundo os tipos de necessidades especiais tem entre seus alunos

*Ítem 6 - Você já lecionou para alunos com necessidades especiais que apresentavam alguma dificuldade ou distúrbio de aprendizagem?*

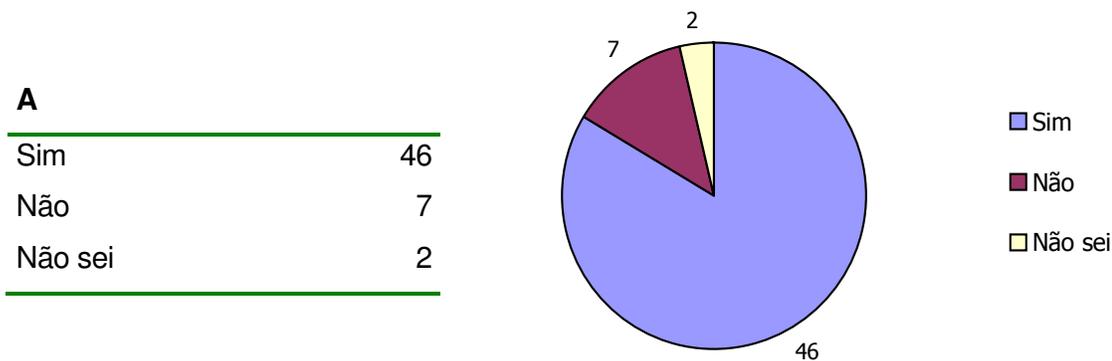


Figura 7 - Distribuição dos participantes da pesquisa segundo a experiência anterior com alunos portadores de necessidades especiais

**B - Em caso positivo, o aluno foi:**

Promovido	30
Retido	12
Desistiu	5
Aprovado pelo Conselho de Classe	21

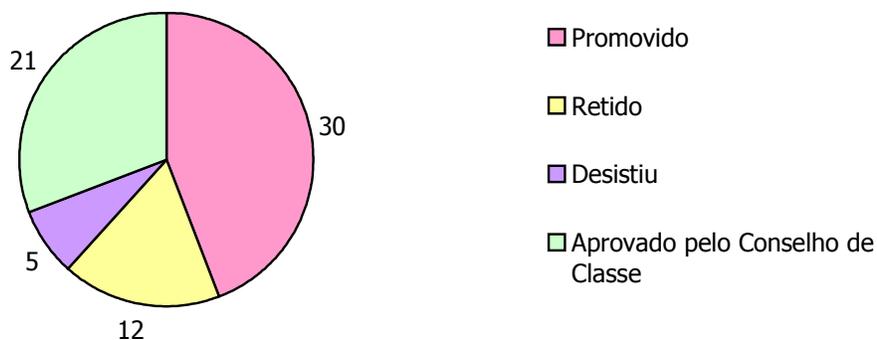


Figura 8 - Apresentação de resultados finais dos alunos com dificuldades ou distúrbio de aprendizagem.

Observação: alguns professores assinalaram tanto a alternativa “Promovido” como a “Aprovado pelo Conselho de Classe”, por isso há uma discrepância entre o resultado obtido neste item (68) e o total de pesquisados (55)

*Ítem 7 - Você reconhece que o aluno com necessidades especiais precisam de uma avaliação diferenciada?*

<b>A</b>	
Sim	49
Não	6

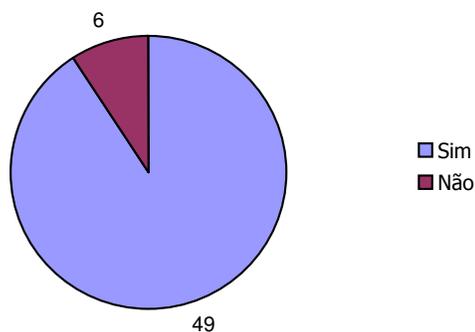


Figura 9 - Distribuição dos participantes da pesquisa de acordo com o reconhecimento da importância de avaliação diferenciada para os alunos com necessidades especiais

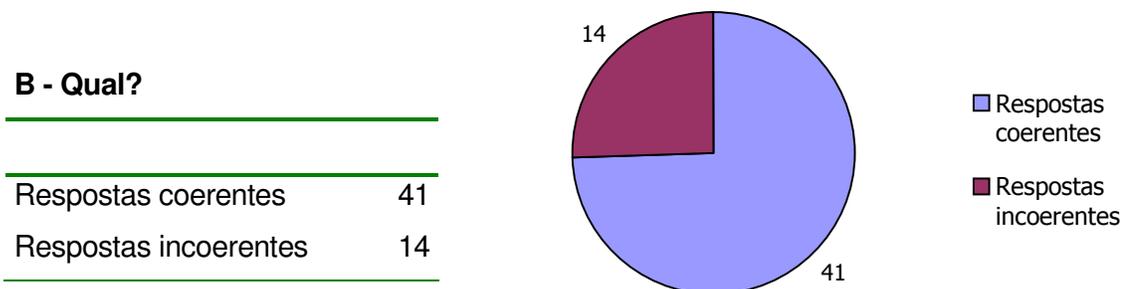


Figura 10 - Distribuição dos participantes de acordo com a coerência de sua resposta à questão anterior

Observação: Esta é uma classificação dada às respostas dos professores e que se referem a: *respostas coerentes*, àquelas dadas pelos professores que reconhecem que os alunos com necessidades especiais precisam de uma avaliação diferenciada e sugerem alguns modelos; respostas incoerentes referem-se aquelas sem sentido ou muito incompletas.

#### 1.4 Análise Interpretativa

A intenção desta pesquisa e da análise interpretativa que a seguir é levar o professor a refletir mais rigorosamente sobre a criança com necessidades especiais para que ela tenha a chance de uma educação mais voltada para si, sem que, para isso, tenha de se isolar dos outros alunos, seus parceiros sociais e de aprendizagem, ignorando-se o comprometimento pedagógico tanto com os alunos ditos “normais” quanto com aqueles que apresentam dificuldades escolares.

### Item 1 - Sexo

O maior grupo que respondeu ao questionário foi o feminino. Observa-se pequena diferença entre as opiniões masculinas e femininas, mas as respostas mais adequadas e coerentes foram dadas pelo grupo do sexo feminino que, demonstrou ter maior interesse em pesquisar, se informar e trocar experiências com seus colegas a respeito de seus alunos com necessidades especiais.

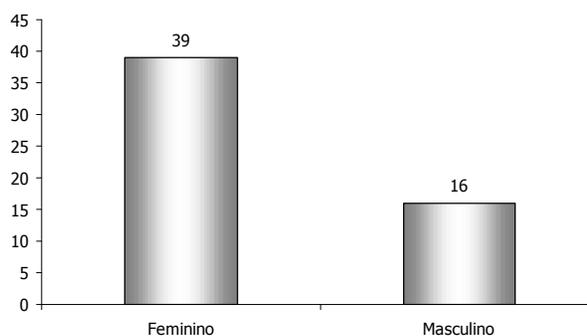


Figura 11 – Distribuição dos participantes da pesquisa segundo o sexo.

### Item 2 - Escola onde trabalha

Não há diversidade entre os profissionais da rede pública e os da rede particular, mesmo porque, muitos ministram aulas em ambas.

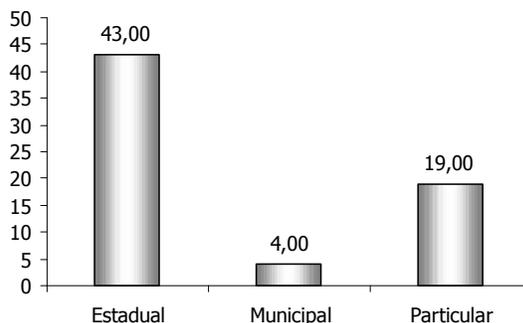


Figura 12 - Distribuição dos participantes da pesquisa por rede de escola.

### 3 - Idade

A maioria dos professores que respondera à pesquisa encontra-se na faixa etária dos 27 aos 44 anos.

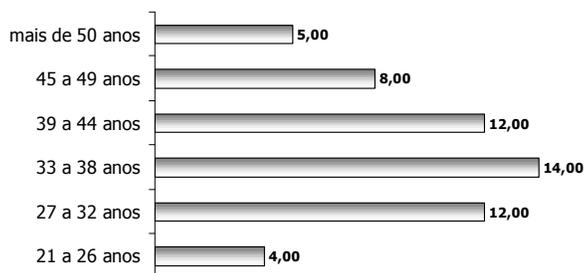


Figura 13 - Distribuição dos participantes da pesquisa segundo a idade.

### Ítem 4 - Tempo de magistério

Aproximadamente sessenta e três por cento (63 %) dos professores pesquisados possuem entre 7 a 18 anos de experiência no magistério; 30,9% na faixa de 7 a 12 anos e 32,72% de 13 a 18 anos.

Com estes dados foi possível observar que esses professores fazem parte de um grupo de educadores mais abertos às mudanças, melhor informados e mais conscientes da necessidade de adequar a sua metodologia aos alunos com dificuldades escolares, e caminhar para avaliações individuais, o que não significa que assim atuam. Quanto aos professores de maior ou menor tempo de trabalho, o número foi insuficiente para se estabelecer uma comparação entre esses grupos e uma relação entre o conhecimento e a importância dada, tanto às necessidades dos alunos quanto à avaliação no seu significado mais amplo.

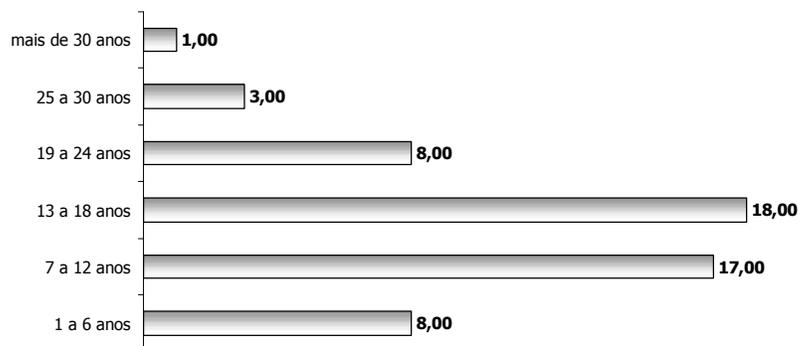


Figura 14 - Distribuição dos participantes da pesquisa segundo o tempo de magistério.

### *Item 5 - O trabalho com alunos e suas necessidades especiais*

5 – a – Embora 39 dos professores pesquisados tenham respondido afirmativamente sobre sua atuação com crianças com necessidades especiais, é pertinente refletir sobre aqueles (16) que responderam que NÃO trabalham com essas crianças. Esse resultado soa como uma distorção da realidade porque a maioria dos professores pesquisados ministram aulas para turmas que normalmente são numerosas (entre 30 e 40 alunos por sala), e dentro deste universo parece quase impossível não existirem crianças com necessidades especiais. Como o grupo é formado por profissionais que têm, no mínimo, um contato semanal com seus alunos, é lamentável que não percebam qualquer sinal que demonstre suas necessidades especiais para “crescer” no seu aprendizado.

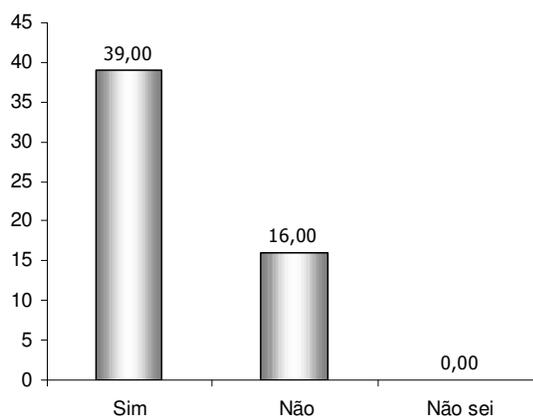


Figura 15 - Distribuição dos participantes da pesquisa segundo a experiência, atualmente, com alunos que possuem necessidades educacionais especiais.

5 – b – Esta segunda etapa da questão cinco causa estranheza: o baixo índice de alunos com Dislexia (3) e com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH – 3). Esses números também parecem irrealistas, uma vez que até há pouco tempo tínhamos tantos alunos “diagnosticados” como hiperativos e era comum ouvir dos mais entendidos: -“Hiperatividade virou sinônimo de falta de educação”.

O que mudou nesse pequeno período? Conceitos? Medo de rotular alunos? Desconhecimento? Descompromisso?

Esses são alguns dos questionamentos que, se não agora, merecem atenção e devem ser investigados posteriormente.

Mediante os dados obtidos no item 5, fica claro que a maioria dos professores identifica crianças com necessidades especiais quando estas possuem sinais básicos muito evidentes como, por exemplo: Síndrome de Down (SD), Deficiência Visual (DV) ou até mesmo Deficiência Mental Leve (DML). Quando a dificuldade ou necessidade especial requer do professor algo mais do que a simples observação da aparência física ou o comportamento patente de seu aluno, ele sente maior dificuldade para reconhecer o distúrbio e, muitas vezes, não o encaminha para especialista, para que este o ajude no trabalho docente. Há um aparente medo de afirmar algo que entre em confronto com a negativa dos pais; um medo de rotular a criança ou até mesmo de citar suas suspeitas e elas serem infundadas.

Na realidade, há muitos professores despreparados e/ ou desatentos, que desperdiçam momentos ricos e únicos nessas experiências com a criança, não explorando, de forma explícita, simultânea e efetivamente integrada os aspectos afetivos, psicomotores, cognitivos e sócio-culturais, como naturalmente presentes em tais experiências.

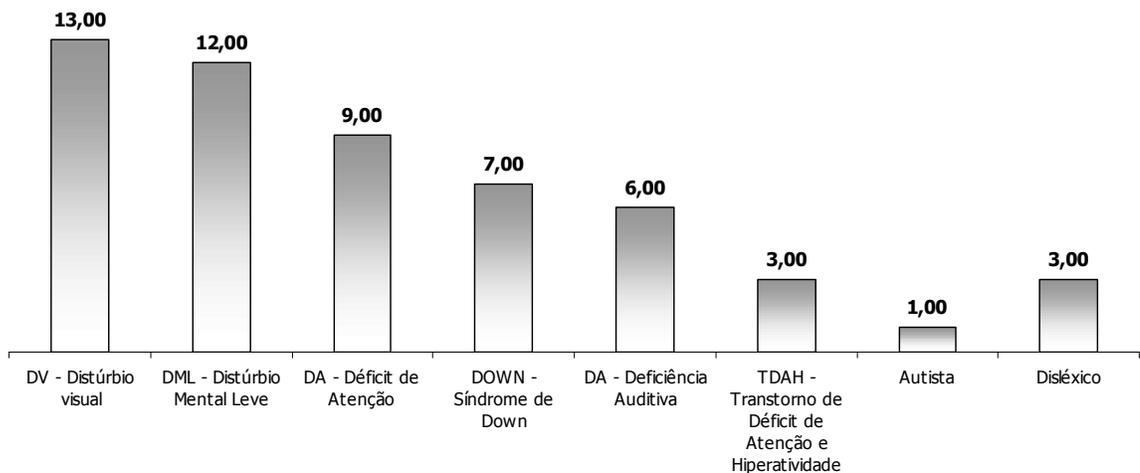


Figura 16 - Distribuição dos participantes da pesquisa segundo os tipos de necessidades especiais tem entre seus alunos

#### Item 6 - Da experiência anterior com alunos com necessidades especiais

6 – a – Apesar de 46 professores responderem afirmativamente, é bom destacar que seis professores responderam “NÃO”, e dois, “NÃO SEI” e que esses dados sugerem a sua falta de comprometimento. Se a maioria do grupo pesquisado tem mais de 7 anos de experiência no Magistério, supõe-se que possuam elementos razoáveis para reconhecerem distúrbios e ou dificuldades de aprendizagem. Por essa razão, os resultados obtidos neste item nos causam estranheza.

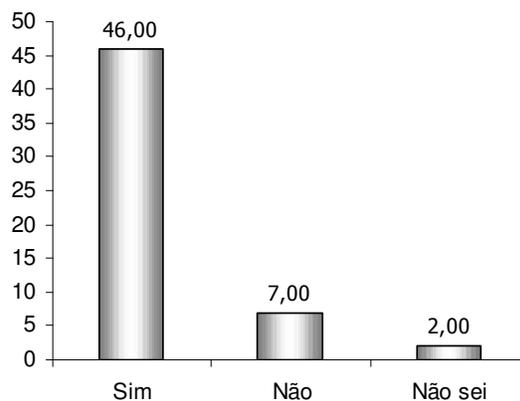


Figura 17 - Distribuição dos participantes da pesquisa segundo a experiência anterior com alunos portadores de necessidades especiais

6 – b – Este segundo momento veio comprovar que os alunos que possuem necessidades especiais são promovidos diretamente ou pelo Conselho de Classe, sem mesmo um trabalho diferenciado e uma avaliação adequada. Uma das razões da escolha do tema para este Trabalho de Conclusão do Curso – TCC.

As respostas não deixaram claro o que foi feito anteriormente com o aluno retido (12) para evitar tal opção da escola e o porquê da desistência de alguns destes escolares (5). Essa obscuridade abriu um grande “leque” de questões que são merecedoras de uma ampliação posterior à pesquisa realizada.

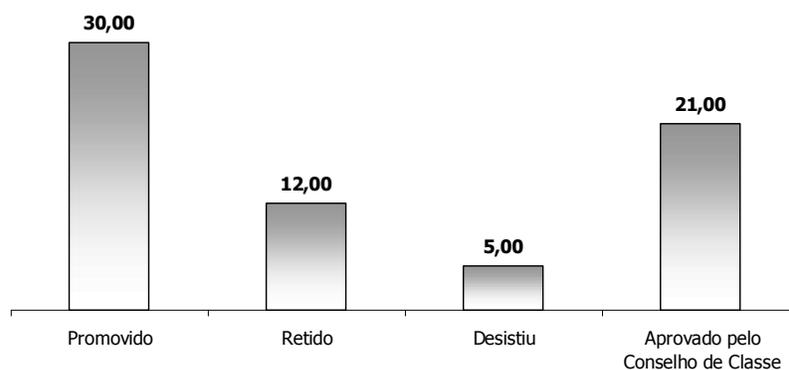


Figura 18 - Apresentação de resultados finais dos alunos com dificuldades ou distúrbio de aprendizagem.

Item 7 - Reconhecimento da necessidade de uma avaliação diferenciada para alguns alunos.

7 – a - Dos cinquenta e cinco professores pesquisados, cinquenta reconhecem que as crianças com necessidades especiais precisam de uma avaliação diferenciada, por isso o foco principal recai sobre os professores que “NÃO” reconhecem (5) essa necessidade, o que significa que esses profissionais desconhecem a amplitude do processo avaliatório.

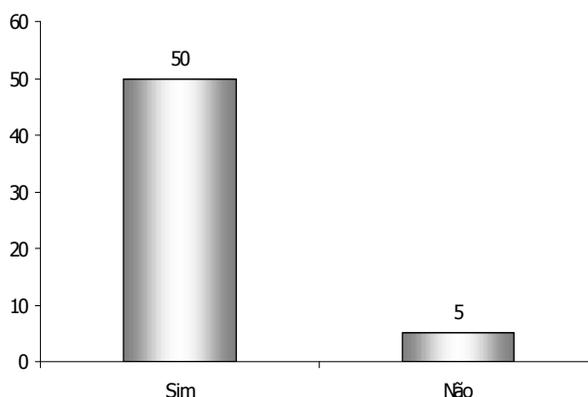


Figura 19 - Distribuição dos participantes da pesquisa de acordo com o reconhecimento da importância de avaliação diferenciada para os alunos com necessidades especiais

Hoje, sabe-se que a avaliação não se resume em verificar e/ou registrar resultados de determinados conteúdos, pois a verificação e o registro da aprendizagem de determinados assuntos são apenas elementos norteadores do trabalho docente. Após comprovar a não aprendizagem, é preciso refletir sobre os resultados e modificar a prática pedagógica, tornando-a mais adequada, mais oportuna para cada aluno.

A avaliação de aprendizagem, mais especificamente, envolve e diz respeito diretamente a dois elementos do processo: educador / avaliador e educando / avaliando. Alguém (educando) que é avaliado por alguém (educador) (Jussara Hoffman, 1995:13).

Dessa maneira, a avaliação deve ser um processo único, de caráter subjetivo, individual, sem perder o contexto interativo do aluno com seus colegas de classe, de escola, com seus professores, com sua família e com o seu meio.

Essa forma de trabalho, acima exemplificada, inclui-se numa proposta didática mais ampla, que precisa se desenvolver junto aos professores em formação e junto àqueles que se encontram em prática profissional. Há necessidade de os docentes vivenciarem “experiências integradoras”, se sensibilizarem e refletirem sobre a sua atuação em sala de aula.

7 – b – A variedade de tipos de respostas dadas pelos pesquisados permite catalogá-las como: *coerentes e incoerentes*. Dentre as respostas classificadas como coerentes evidencia-se que:

15 professores consideraram que as avaliações de alunos com necessidades especiais devem estar em conformidade com essas mesmas necessidades;

outros 16 professores levaram em conta o respeito que deve ser dado aos limites, às capacidades e ao grau de dificuldade que tais alunos apresentam;

8 professores consideraram que a avaliação diferenciada deve incluir o progresso dos alunos.

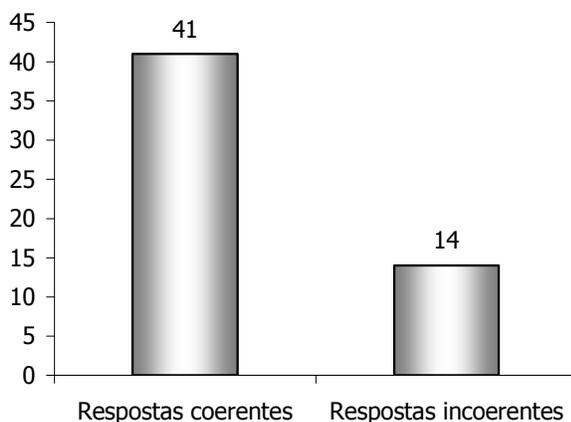


Figura 20 - Distribuição dos participantes de acordo com a coerência de sua resposta à questão anterior

Um professor trouxe seu desempenho ligado ao trabalho de um profissional especializado, o que possibilita entender que ele reconhece o quanto é benéfico para esses alunos o trabalho de conjunto, quando se trata de avaliá-los de forma diferenciada. Também outro se lembrou da questão social, deixando a certeza de que não entende a avaliação “fechada”, circunscrita, apesar dos aspectos cognitivos de tais alunos.

Causaram maior preocupação as respostas classificadas como incoerentes, porque deixaram em evidência que um número significativo de professores (25,45%) não sabe lidar ou não reconhece as necessidades especiais de seus alunos com dificuldades escolares e também confirma o desconhecimento da amplitude do processo de avaliação por parte deles.

É bom considerar que, apesar de os professores responderem “sim” à questão 7 – a, as justificativas na questão 7- b de 25,45%, foram inadequadas, apresentando distorções conceituais, sobretudo no que se referem à avaliação propriamente dita e à inclusão de alunos com necessidades especiais em sala de aula. Evidencia-se que, por exemplo: cinco professores consideraram que precisa de avaliação diferenciada o aluno portador de DV (Deficiência visual), DA (deficiência auditiva) e um deles assinalou a Síndrome de Down, ignorando a amplitude de casos, outros tipos de dificuldades ou distúrbios presentes nos alunos. Cinco professores entendem que o aluno com necessidades educacionais especiais deve ser avaliado por profissionais especializados; dentre estes, quatro deixaram essa responsabilidade para o apoio pedagógico e um para o acompanhamento psicológico ou neurológico. Essas justificativas permitem deduzir que, para esses professores, não lhes cabe avaliar esse tipo de aluno, ficando claro seu descompromisso no processo avaliativo escolar.

Também dentre as distorções, um professor diz que avaliaria o “interesse” do aluno. Ocorre que estar ou não interessado é algo muito distinto de ter ou não capacidade para determinadas atividades de aprendizagem. Outro professor inclui como avaliação diferenciada o tratamento de atenção e carinho para com esse aluno, o que não se refere objetivamente ao processo avaliativo do mesmo, pois tais atitudes devem fazer parte do cotidiano do professor com qualquer um de seus alunos e não especificamente com aquele de necessidade especial. Um outro, ainda, entende que esse aluno deve estar em sala individual, isolando-o, portanto, do convívio social, da troca de experiências e de oportunidades de aprendizagem com outros colegas.

Aparecem justificativas (6) que foram simples frases ou palavras soltas que merecem complementos para serem melhor compreendidas. Ex: “sinais”, “brile”, “carência”.

É interessante reproduzir o que ocorreu com um dos professores pesquisados: frente à questão 7 – a, ele assinalou “Não” reconhecer a necessidade de uma avaliação diferenciada, mas apresentou uma justificativa que evidencia uma outra compreensão, visto ter apresentado a seguinte colocação:

Avaliação para alunos disléxicos, não necessita ter outras questões, porém a forma de aplicar a avaliação, que é diferenciada.

Exemplificando: Avaliação de interpretação de texto

Após explicar as questões para a sala, ler uma questão de cada vez para o aluno disléxico e retomar o texto, fazendo uma leitura mais pausada. Fica a critério do professor se o aluno escreve a resposta ou o próprio professor, respeitando a oralidade do aluno.

A mesma forma de explicação das avaliações serve para as demais disciplinas, porém nas avaliações de Matemática é permitido que o aluno use recursos concretos como ábaco e a tabela de tabuadas. (sic).

Deduz-se, então, que se faz necessária uma maior orientação, capacitação e até, mesmo uma reflexão do professor sobre a qualidade de seu trabalho, de seus conceitos pedagógicos e de sua percepção como mediador do processo de avaliação.

Para ilustrar a importância de uma atuação atenta às dificuldades de seus alunos, segue o exemplo de um trabalho em conjunto de professores de 7ª série de uma escola particular.

R... é um menino de 16 anos que fez a 7ª série do Ensino Fundamental dois anos consecutivos e atualmente cursa a 8ª série. Desde os tempos da alfabetização trocava letras e apresentava muita dificuldade na leitura e interpretação de textos e nos cálculos matemáticos.

Somente na 7ª série é que se iniciou um trabalho diferenciado com este aluno. O ponto de partida foi a área que poderia ter uma repercussão mais imediata do ponto de vista motivacional. Fez-se uma retomada das operações de soma, multiplicação e divisão com números naturais, fracionários e decimais, pois as suas falhas de precisão no cálculo, associadas a distúrbios de atenção, vinham comprometendo o seu rendimento escolar, principalmente em Matemática e em Física (subdivisão da disciplina de Ciências na 7ª série). Paralelamente, desenvolveram-se exercícios, jogos, e atividades que exigiam precisão, atenção, memória e níveis de pensamento progressivamente mais evoluídos.

Depois de três meses de trabalho, a área de ênfase, foi mudada. O professor Começou a estudar junto, após ter chegado à constatação de que R... não sabia estudar sozinho, ou seja, quando sozinho não estudava de uma forma produtiva porque não tinha um método de estudo apropriado. Em primeiro lugar, leram juntos alguns artigos sobre hábitos de estudo e como estudar. Procuraram ver formas eficientes de estudar Português, História, Matemática e Ciências. Aplicaram-se, de quando em quando, alguns testes para verificar a aprendizagem de certos conteúdos.

Após algum tempo de trabalho, R... adquiriu confiança em si mesmo e quis testar a possibilidade de estudar sozinho, no bimestre seguinte. Valendo-se dos conhecimentos trabalhados, ele estudou só. Seus resultados foram razoáveis. Referindo-se às notas, a evolução não foi grande, mas grandiosa foi a elevação da auto-estima de R., a autoconfiança adquirida. As aulas diferenciadas mostraram, principalmente, que R havia descoberto sua forma de construir conceitos, descoberto que podia acreditar em si mesmo, na sua capacidade de

aprender. Todas essas mudanças tiveram repercussões importantes e positivas na maneira de R...enfrentar as aprendizagens e as avaliações escolares .

A partir desse caso, é possível considerar que os distúrbios de aprendizagem ali descritos podem ocorrer em graus variados de comprometimento e podem justificar alguns insucessos escolares verificados mais intensamente na segunda metade do Ensino Fundamental I e II. À medida que os educandos reorganizam seus padrões de comunicação, de linguagem, de aprendizagem e de avaliação, ocorre uma melhora significativa de sua auto-estima, fator essencial para o progresso da aprendizagem. Portanto, podem-se observar modificações que se refletem em sua personalidade, oportunizando uma relação mais satisfatória consigo mesmo e com os demais, interrompendo, inclusive, uma carreira de fracasso escolar exatamente como se deu com o aluno R.

### **1.5 Sugerindo Atividades**

Frente ao que foi constatado na pesquisa aqui apresentada, seguem algumas sugestões que visam favorecer a atuação dos professores com alunos portadores de Distúrbios de Aprendizagem.

A primeira sugestão dirigida' aos colegas professores é que preparem diariamente algumas atividades que proporcionem aos educandos oportunidades para contarem suas histórias, seus "casos". É um precioso momento no qual o professor vai conhecer mais o seu aluno; este, por sua vez, vai aprender a se expressar e os outros, nesse momento, estarão aprendendo a ouvir. O professor também deve observar; captar o pensamento informulado, infraverbal e sempre que precisar, fazer interferências, orientando o diálogo e a atenção para que as colocações mais significativas sejam percebidas por todos.

A idéia principal é a de que os educandos com dificuldades de aprendizagem encontrem na escola algo diferente, uma nova e mais agradável forma de aprender.

Outra sugestão é criar grupos para resolver atividades. Nesse caso, as vantagens são muitas, pois o aluno que tem maior facilidade ensina aquele que não a possui, criando um clima de companheirismo entre eles. Reforça-se aqui a idéia de que sempre que se coloca alunos trabalhando em comunidade, aparecem bons resultados.

Encontram-se, anexos, atividades que são sugestões de exercícios que desenvolvem a observação, melhoram o grau de atenção e concentração dos alunos, e assim, garantem maior rendimento nas disciplinas curriculares, fato que vem ocorrendo em experiência pedagógica com a utilização desses exercícios.

Como os estímulos visuais e auditivos do computador têm sido um aliado no tratamento dos distúrbios de aprendizagem, apresenta-se também, propostas de jogos de discriminação visual para estimular crianças a ler e escrever, jogos de memória, cruzadinhas, quebra-cabeças e seqüências de imagens (frutas, objetos e animais) para desenvolver a atenção e a memória.

A partir de aplicações das propostas didáticas mencionadas, a coleta de depoimentos significativos por parte dos professores confirma o caráter integrador e inovador das sugestões, assim como a necessária cautela na sua implantação, tanto pelo entusiasmo que gera em alguns professores como pela resistência que encontra em outros. Dentre as suas verbalizações, destaca-se:

“Eu gostaria de refazer muitas coisas; vou fazê-las no próximo ano.”

- “Até aquela criança (...) participou de tudo”.
- “Nunca tinha me ocorrido propor isso (...) às crianças”.
- “Eu ainda não consegui me liberar nestas atividades”.
- “Eu não estou com vontade de mostrar o que fiz”.
- “Percebi que algumas crianças, inicialmente, necessitavam de mais tempo para realizarem algumas atividades”.
- “E as atividades de rotina como é que ficam?”.

Esses e outros depoimentos verbais, assim como as próprias reações afetivas de alguns professores durante a vivência dessa experiência, refletem algumas das mudanças e questionamentos que esta proposta em trabalhar diferenciado com crianças com dificuldades de aprendizagem pode gerar. Todas essas manifestações não poderiam ser expressas aqui na sua íntegra. Além de não haver tempo, nem espaço suficientes, tal proposta didática tem de ser, sobretudo, “vivenciada”, tanto pelos professores como pelos coordenadores que pretendem aplicá-la. Só assim se poderá sentir a dimensão de toda a sua gama de variações e improvisações, segundo o grupo de professores e crianças para quem é aplicada ou que a ela se submetem.

A proposta não pretende ser “idealista” nem “abstrata”, pois está sendo construída a partir de reflexões, discussões e estudos teórico-práticos. Ela ainda comporta revisões, discussões, complementações e enriquecimentos, a partir do aumento gradativo da amostra de professores e crianças, com os quais estamos trabalhando.

A forma de trabalho, aqui exemplificada, inclui-se numa proposta didática mais ampla, que pode ser desenvolvida junto aos professores em formação e/ou que se encontram em prática profissional. A modalidade de ensino e assessoramento junto a estes professores prevê que eles, inicialmente, vivenciem algumas “experiências integradoras” para se sensibilizar e refletir sobre a sua própria atuação. Posteriormente, lhes oportunizando a seleção de procedimentos didáticos adequados e possíveis de serem desenvolvidos junto às crianças com necessidades educacionais especiais, objetivando uma maior integração desses alunos ao grupo social ao qual pertencem.

## **2 . Proposta de Apoio Pedagógico para crianças disléxicas e com TDAH**

Aqui se apresenta uma Proposta de Trabalho com Atividades de Apoio e Avaliação que têm dado resultados satisfatórios na inclusão de alunos portadores de necessidades especiais, dentre as quais foram escolhidos - Dislexia e TDAH.

O propósito é o de contribuir com os professores que, por falta de conhecimento teórico-prático, muitas vezes, deixam de proporcionar aos seus educandos, uma integração mais satisfatória e, por conseqüência, uma avaliação mais adequada, mais real, mais significativa.

O professor tem o papel explícito de interferir no processo diferentemente de situações informais na quais a criança aprende por imersão em um ambiente cultural. Portanto, o professor tem um papel de destaque, como provocador de avanços nos alunos e isso se torna possível com sua interferência na zona proximal. É na zona de desenvolvimento proximal que a interferência de outros indivíduos é a mais transformadora. É aí que reside o grande desafio de quem ensina.

A qualidade do trabalho pedagógico está associada, nessa abordagem, à capacidade de promoção de avanços no desenvolvimento do aluno. Pode-se encontrar o fundamento dessa posição no conceito de zona de desenvolvimento proximal que descreve o “espaço” entre as conquistas já adquiridas pela criança (aquilo que ela já sabe, que é capaz de desempenhar sozinha) e aquelas que, para se efetivar, dependem da participação de elementos mais capazes (aquilo que a criança tem a competência de saber ou de desempenhar somente com a colaboração de outros sujeitos). Rego (1995 : 106)

O papel do professor é muito relevante e as análises das pesquisas realizadas ajudaram a constatar que a maioria dos professores trabalha com atividades improvisadas e únicas, para todos os seus alunos, esquecendo porém, que existem aqueles que possuem necessidades educacionais especiais e que podem ser “assistidos” sem causar prejuízo aos demais.

Baseando-se nessas análises, em pesquisas e na experiência profissional seguem propostas de atividades que sejam:

- simples e de fácil acesso a todos, porque foram retiradas e adaptadas de revistas encontradas em “Livrarias” e/ou em “Bancas de Jornal”. Tais

atividades precisam ter seus objetivos bem explicitados, de modo que o professor não perca as verdadeiras intenções de sua aplicação: para que servem e o que pretende atingir com elas.

- de comprovada eficácia. (foram trabalhadas durante quase cinco anos)
- que podem ser realizadas por todos os alunos, evitando assim a exposição daqueles que, por causa de suas dificuldades, mais necessitam delas;
- contribuições significativas para sua atuação profissional, permitindo um trabalho mais eficaz, que desenvolvam também as potencialidades dos alunos com necessidades especiais, incluindo-os ao grupo em que se encontram.

Mesmo distantes da inclusão escolar completa e ideal, é possível ter a certeza de que se forem unidos: alunos – família e educadores comprometidos em um trabalho direcionado para o objetivo comum da integração, os resultados serão surpreendentes e obtidos com maior eficácia.

As sugestões aqui descritas e que se encontram no Anexo I – Atividades para crianças com TDAH e no Anexo II – Atividades para alunos com Dislexia, têm o propósito é: provocar a criatividade do professor, de modo que ele próprio descubra novos recursos facilitadores para lidar com seus alunos com necessidades educacionais especiais.

## CONCLUSÃO

O trabalho aqui exposto fundamentou-se na concepção da escola democrática, na qual toda criança tem direito à educação, enfocando, também, a abordagem centrada nos professores como profissionais que podem atender as crianças com necessidades especiais, desde que recebam interferências e auxílio em cursos de capacitação, atualização e formação continuada no tocante ao seu trabalho com a diversidade, e principalmente com crianças com Dislexia e TDAH.

É evidente que na escola existem alunos com distúrbios de aprendizagem, no entanto, o professor não está preparado para identificá-los, nem para desenvolver um trabalho em sala de aula de forma a minimizar os problemas educativos que esses distúrbios possam causar.

A proposta de “Apoio Pedagógico às crianças com necessidades educacionais e especiais” foi considerada, pelos professores, eficaz e de fácil aplicação, uma vez que os resultados obtidos em aulas de reforço foram positivos e, em mais de 70% dos casos, minimizaram os problemas educacionais das crianças com Dislexia e TDAH.

Todas as pesquisas para a realização das atividades sugeridas para apoio pedagógico dessas crianças foram baseadas nas concepções de Vygotsky sobre o funcionamento do cérebro humano. Essas concepções fundamentam a idéia de que as funções psicológicas superiores (por exemplo, a memória é constituída ao longo da historia social do homem em relação ao mundo). Desse modo, as funções psicológicas superiores referem-se a processos voluntários, ações conscientes, mecanismos intencionais e dependem de processos de aprendizagem.

Para Vygotsky existem, dois níveis de desenvolvimento: um real, já adquirido ou formado, que determina o que a criança já é capaz de fazer por si própria, e um potencial, ou seja, a capacidade de aprender com outra pessoa. Para ele, o sujeito

não é apenas ativo, mas interativo, porque forma conhecimento e a partir de relações intra e interpessoais.

É na troca com outros sujeitos e consigo mesmo que se vão internalizando conhecimentos, papéis e funções sociais, o que permite a formação de conhecimentos e da própria consciência. Trata-se de um processo que caminha no plano social - relações interpessoais para o plano individual interno - relações intrapessoais.

Assim, a escola é o lugar onde a intervenção pedagógica interacional desencadeia o processo ensino-aprendizagem.

O professor tem o papel explícito de interferir no processo diferentemente de situações informais na quais a criança aprende por imersão em um ambiente sócio-cultural. Portanto, o professor tem um papel de destaque como provocador de avanços nos alunos e isso se torna possível com sua interferência na zona proximal.

Se o aprendizado impulsiona o desenvolvimento, então a escola tem um papel essencial na construção do ser psicológico adulto dos indivíduos que vivem em sociedades escolarizadas. Mas o desempenho desse papel só se dará adequadamente quando, conhecendo o nível de desenvolvimento dos alunos, a escola dirigir o ensino não para etapas intelectuais já alcançadas, mas sim para estágios de desenvolvimento ainda não incorporados pelos alunos, funcionando realmente como um motor de novas conquistas psicológicas.

O processo de ensino-aprendizagem na escola deve ser construído, tomando como ponto de partida o nível de desenvolvimento real da criança e como ponto de chegada os objetivos estabelecidos pela escola, supostamente adequados à faixa etária e ao nível de conhecimentos e habilidades de cada grupo de crianças.

De acordo com Moretto (2006:44) é a partir das concepções prévias dos alunos que o professor organiza suas estratégias para o ensino. É dessa forma que, pode ser entendida a interação entre o sujeito (aluno), o objeto (objetos de

conhecimento representado por conceitos e fatos) e o mediador (professor facilitador do processo da aprendizagem).

Para que o processo de ensino-aprendizagem seja eficiente, existem outros aspectos que devem ser apresentados:

- A percepção - ao longo do desenvolvimento, humano, a percepção torna-se cada vez mais um processo complexo. Ela age num sistema que envolve outras funções. Ao percebermos elementos do mundo real, fazemos interferências baseadas em conhecimentos adquiridos previamente e em informações sobre a situação presente interpretando dados perceptuais a luz de outros conteúdos psicológicos. “Percebo o objeto como um todo, como uma realidade completa, articulada e não como um amontoado de percepções sensoriais” (Vygotsky, 1984, página 42 ).
- A atenção – que vai sendo gradualmente submetida a processos de controle voluntário, em grande pacote fundamentado na mediação simbólica.
- A memória – uma importante função psicológica ao longo do desenvolvimento e com poderosa influência dos significados e da linguagem.

Diante do exposto, faz-se importante lembrar a atuação do professor, como mediador no processo ensino-aprendizagem e é por essa razão que apresentamos a eles nossa proposta de apoio pedagógico que o auxiliará no trabalho, principalmente com as crianças que apresentam necessidades educacionais especiais.

Fazemos nossas as palavras de Rego (1995:118)

“Os postulados de Vygotsky parecem apontar para a necessidade de criação de uma escola bem diferente da que conhecemos. Uma escola em que as pessoas possam dialogar, duvidar, discutir, questionar e compartilhar saberes. Onde há espaço para transformações, para as diferenças, para o erro, para as contradições, para a colaboração mútua e para a criatividade. Uma escola em que professores e alunos tenham autonomia, possam pensar, refletir sobre o seu próprio processo de construção de conhecimento e ter acesso a novas informações. Uma escola em que o conhecimento já sistematizado não é tratado de forma dogmática e esvaziado de significado”.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAPOVILLA, A. G. S., CAPOVILLA, F. C. *Problemas de Leitura e Escrita – Como identificar, prevenir e remediar numa abordagem fônica*. Editora Memnon, 2004.

FONSECA, V. *Tendências futuras de educação conclusiva*. Educação. Porto Alegre nº 49, 2003.

HOFFMANN, J. *O Jogo do Contrário em Avaliação*. 2ª ed. Porto Alegre: Ed. Mediação, 2006.

MEC. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Educação Especial. Brasília, DF, 1996.

MORETO, V. P. *Prova: um momento privilegiado de estudo – não um acerto de contas*. 6ª ed. Editora DP&A, 2006.

PERRENOUD, P. *Da Excelência à Regulação das Aprendizagens: Entre Duas Lógicas*. Porto Alegre: Ed. Artmed, 1999.

REGO, T. C R., VYGOTSKY, L. S. *Uma perspectiva histórico cultural da educação*. 17ª edição. Petrópolis: Rio de Janeiro.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VYGOTSKY, L. S. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. 2ª edição. São Paulo: Ícone, 1989.

## REVISTAS

Revista – Atividades & Experiências – Avaliação: Peça Fundamental no Processo Pedagógico, págs. 10, 11, 12, 13, 14 e 15. Ano 7, nº 4 – Setembro 2006.

Nova Escola – Janeiro/Fevereiro de 2007, Reportagem de Capa: O Papel da Avaliação, págs. 30, 42, 43, 44 e 45. Fundação Victor Civita

Nova Escola – ano XVIII nº 162 pág. 15, SOS – Sala de Aula – Inquieto ou Hiperativo?

Revista Pintando e Brincando com Garfield - ano 2004, números 1, 2, 3, 5, 6 e 7. Kromo Editora e Gráfica.

Revista Viver- julho 1999 nº 78 pág. 12 e 13. Henrique Schiltizer Del Nero

## LEIS

LDB – Lei de Diretrizes e Bases nº 9394 / 96

Parâmetros Curriculares Nacionais - Adaptações Curriculares – Estratégias para a Educação de Alunos com Necessidades Educacionais Especiais.

Ministério da Educação - Secretaria de Educação Fundamental - Secretaria de Educação Especial. Brasília – 1999 – Imprensa Oficial

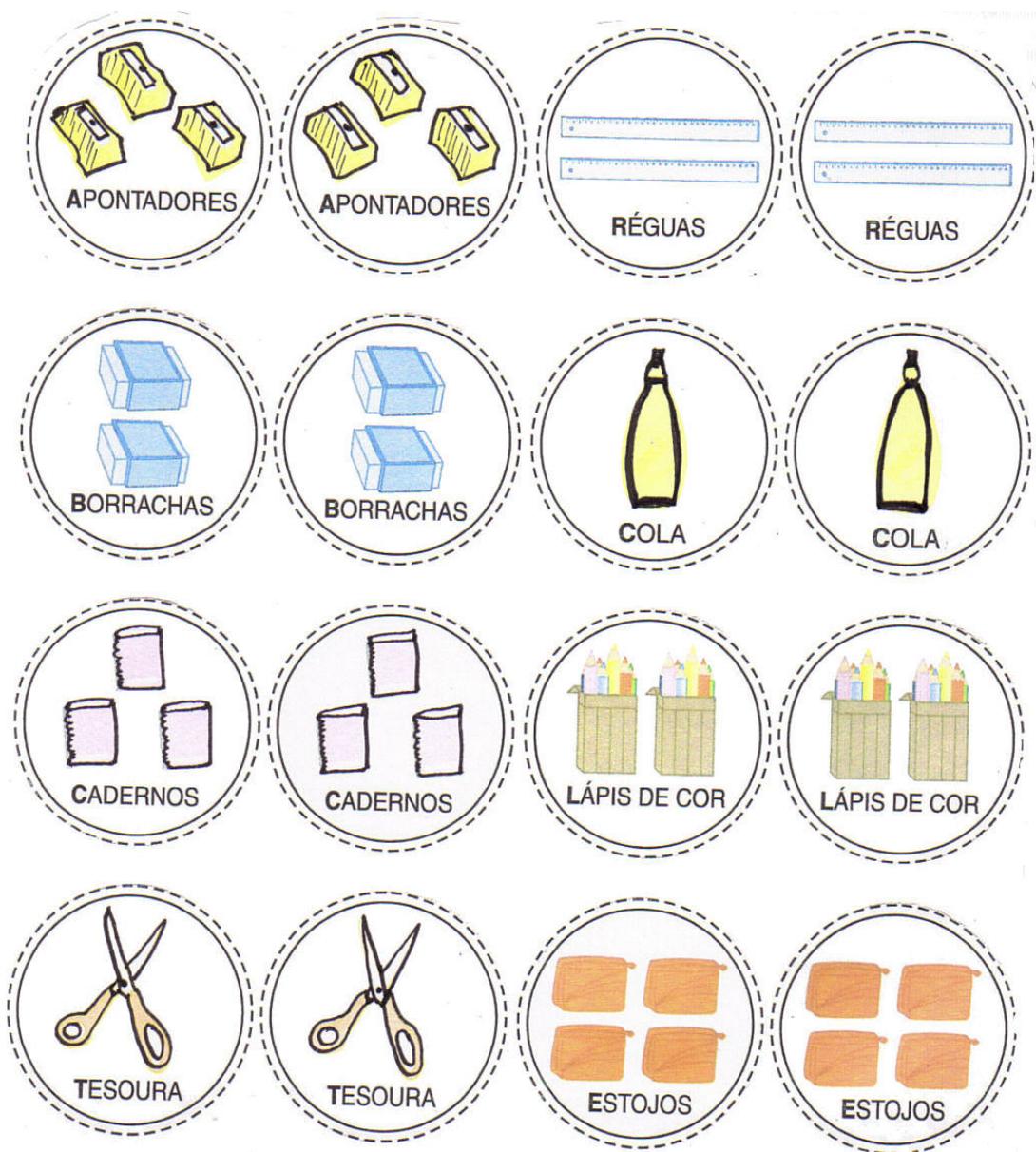
Deliberação CEE nº 05/00 - Deliberação do Conselho Estadual de Educação (CEE) nº 05/00

ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. Ministério da Justiça. Secretaria da Cidadania e Departamento da Criança e do Adolescente: Brasília, 1990.

# ANEXOS

## ANEXO I – JOGO DA MEMÓRIA

Recorte as figuras conforme indicação dos pontilhados, brinque a valer com este jogo da memória com os materiais que usamos na escola.



Atividade adaptada de Revista "**Pintando e Brincando com Garfield.**"  
S.P. Kromo Editora - 2004 - número 06 - p.21.

## ANEXO II - MEMOREX

Antes de aplicar esta atividade, fazer algumas outras mais simples, como por exemplo:

1 - Colocar sobre a mesa três objetos e pedir à criança que observe bem o que há sobre a mesa. Depois, pedir que feche os olhos. Retirar um objeto e dizer:

- Abra os olhos. Olhe a mesa. Que objeto está faltando?

Pouco a pouco, aumentar a quantidade de objetos até seis. Pode-se variar, trocando o lugar de um e depois de dois objetos, sem a criança ver e continuar perguntando: - O que está diferente?

2 - Mostrar cartões que contenham na frente, desenhos ou colagens de 4 ou 5 figuras e no verso, as mesmas figuras, faltando uma ou duas. Mostrar a frente do cartaz, pedindo à criança que observe bem. Virar o cartaz para dizer que figuras faltam.

Apresentar o mesmo cartaz. Pedir para a criança observar bem. Colocar o cartaz sobre a mesa e pedir à criança que diga que figuras estavam no cartaz.

Mostrar novamente o cartaz para verificação. Mostrar 3 ou 4 figuras, uma de cada vez. Pedir à criança que diga que figuras viu, primeiro sem exigir seqüência, depois em seqüência.

Ao realizar essas atividades, a criança estará desenvolvendo a habilidade de saber "ver". É importante partir do concreto para o abstrato, que são os símbolos: letras, numerais.

Por fim, aplicar a atividade "MEMOREX" apresentada a seguir.

**MEMOREX**

Observe atentamente o desenho por 2 minutos, depois vire a folha e responda às perguntas.



Atividade adaptada da Revista “**Diversão Cruzadas Diretas Lírio.**”  
S.P. Publicações de Lazer e Cultura Ltda - 1999, número 11, p.23.

Agora, responda SIM ou NÃO.

- 1 – O menino usa óculos?
- 2 – O calção do menino é branco?
- 3 – Está chovendo?
- 4 – Aparece algum avião no céu?
- 5 – O menino tem sarda no rosto?
- 6 – A vela do barco tem listras?
- 7 – O boné do menino é preto?
- 8 – O menino está olhando para baixo?
- 9 – O Sol está acima da cabeça do menino?
- 10 – Tem alguma estrelinha na vela do barco?
- 11 – Existem alguns prédios atrás do menino?
- 12 – A camiseta do menino é toda listrada?
- 13 – Existem pássaros nos dois lados do menino?
- 14 – A bola é listrada?
- 15 – O menino está com os pés n'água?

### **ANEXO III - ONDE ESTÁ A LÓGICA?**

Esta atividade leva o aluno adquirir uma linguagem e conceitos que se constituam em elementos unificados de Matemática e aplicá-los, sempre que necessário.

Compreender o conceito de número. Verbalizar numa série dada, o que vem antes, o que vem depois.

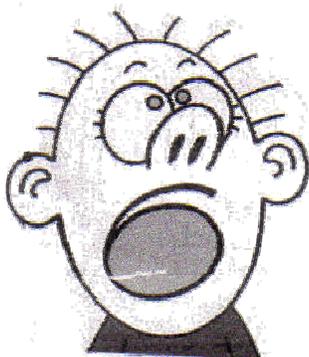
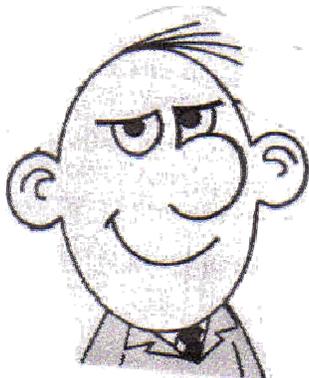
O objetivo é desenvolver a capacidade de:

- analisar;
- ordenar;
- comparar;
- classificar.

Tudo depende da idade cronológica da criança.

## ONDE ESTÁ A LÓGICA?

Olhe atentamente os rostos abaixo e observe que eles têm uma lógica e podem ser ordenados do primeiro ao sexto rosto. Você seria capaz de dizer que lógica é essa?



Atividade adaptada de **Revista Coquetel - Passatempo Moleza**  
R.J. Editora Ediouro - 2003 - número 128 - p.19.

## **ANEXO IV – VAMOS REPRODUZIR A FIGURA?**

Para realizar esta atividade é necessário ter noção de posição.

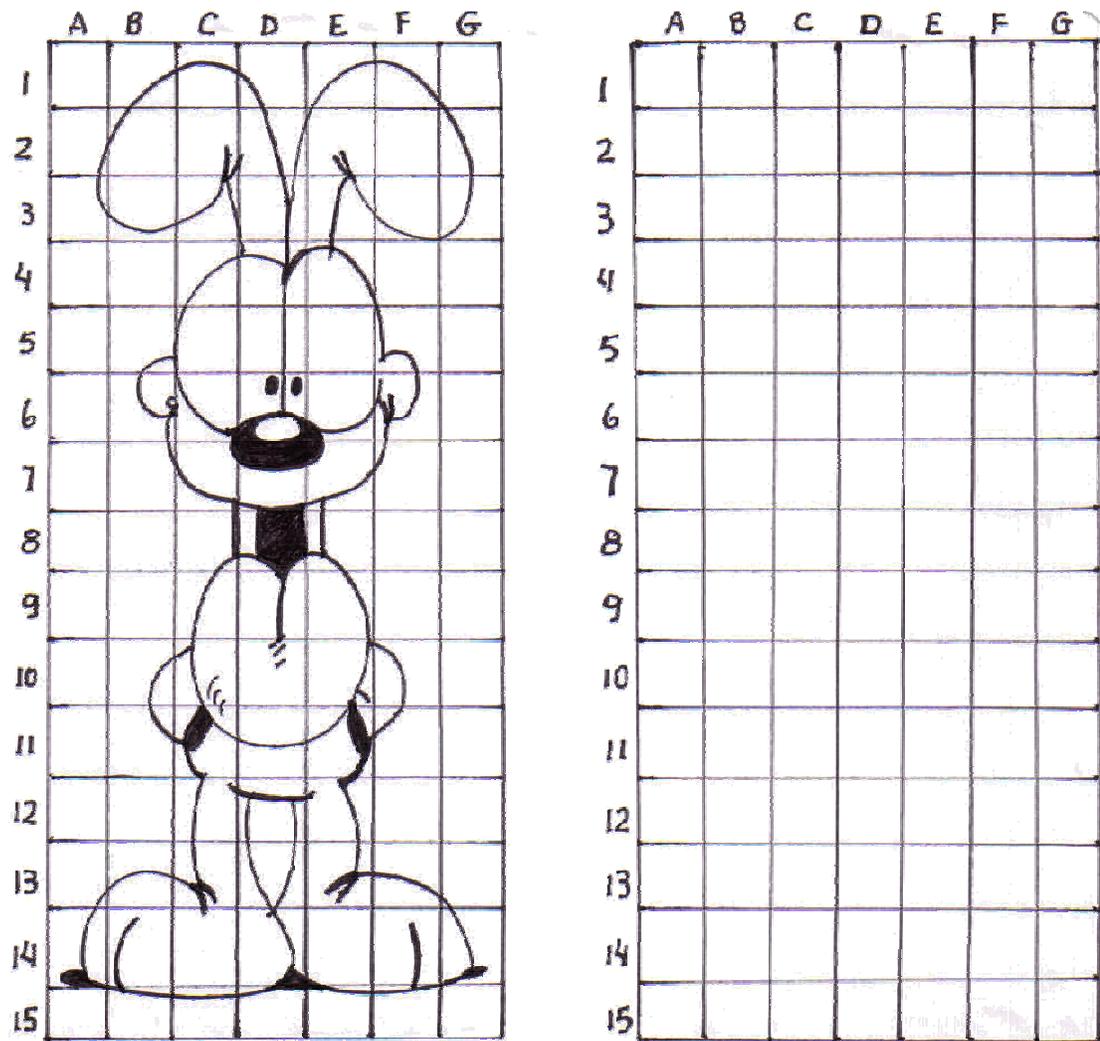
A primeira etapa para o domínio das relações espaciais refere-se ao conhecimento e manejo do esquema corporal. Esse conhecimento leva à noção da lateralidade e direção: esquerda, direita, etc.

Começando com atividades que relacionam a criança com o mundo que a rodeia, passa-se ao descobrimento de relações espaciais entre objetos. Aplicam-se essas noções em figuras e desenhos, chegando-se à figura-fundo.

A figura-fundo é uma atividade preparatória para as crianças alcançarem a capacidade de distinguir e analisar um objeto, uma forma, um símbolo, dentro de um contexto e nele concentrar sua atenção.

## VAMOS REPRODUZIR A FIGURA?

Vamos desenhar? É só copiar os traços de acordo com a letra e o número dos quadradinhos.

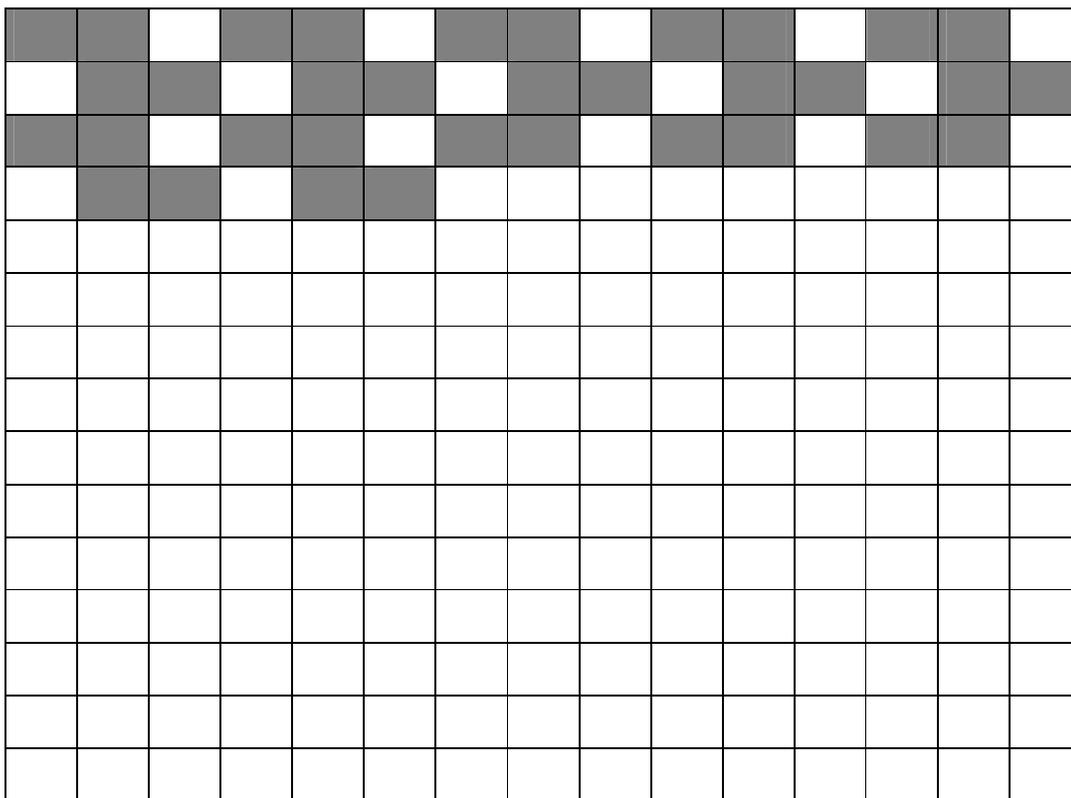


Atividade adaptada de Revista **"Pintando e Brincando com Garfield."**  
S.P. Kromo Editora - 2004 - número 06 - p.13.

## ANEXO V - OLHO VIVO

Iniciar atividades feitas em folhas avulsas quadriculadas, onde as crianças continuam o desenho já iniciado.

Dar preferência aos geométricos que são mais simples.



A criança deverá seguir seqüência de cores e números de quadradinhos, e assim outras atividades que proponham seqüência, até conseguir entender o que significa.

Realizando esse tipo de atividade terá que concentrar-se e ter mais atenção.

## ANEXO VI – DESCUBRA A SEQÜÊNCIA

Preste atenção e encontre no quadro abaixo a seqüência em destaque.



Atividade adaptada de revista "**Pintando e Brincando com Garfield.**"  
S.P. Kromo Editora - 2004 - número 08 - p.23.

## ANEXO VII - VÔO LIVRE

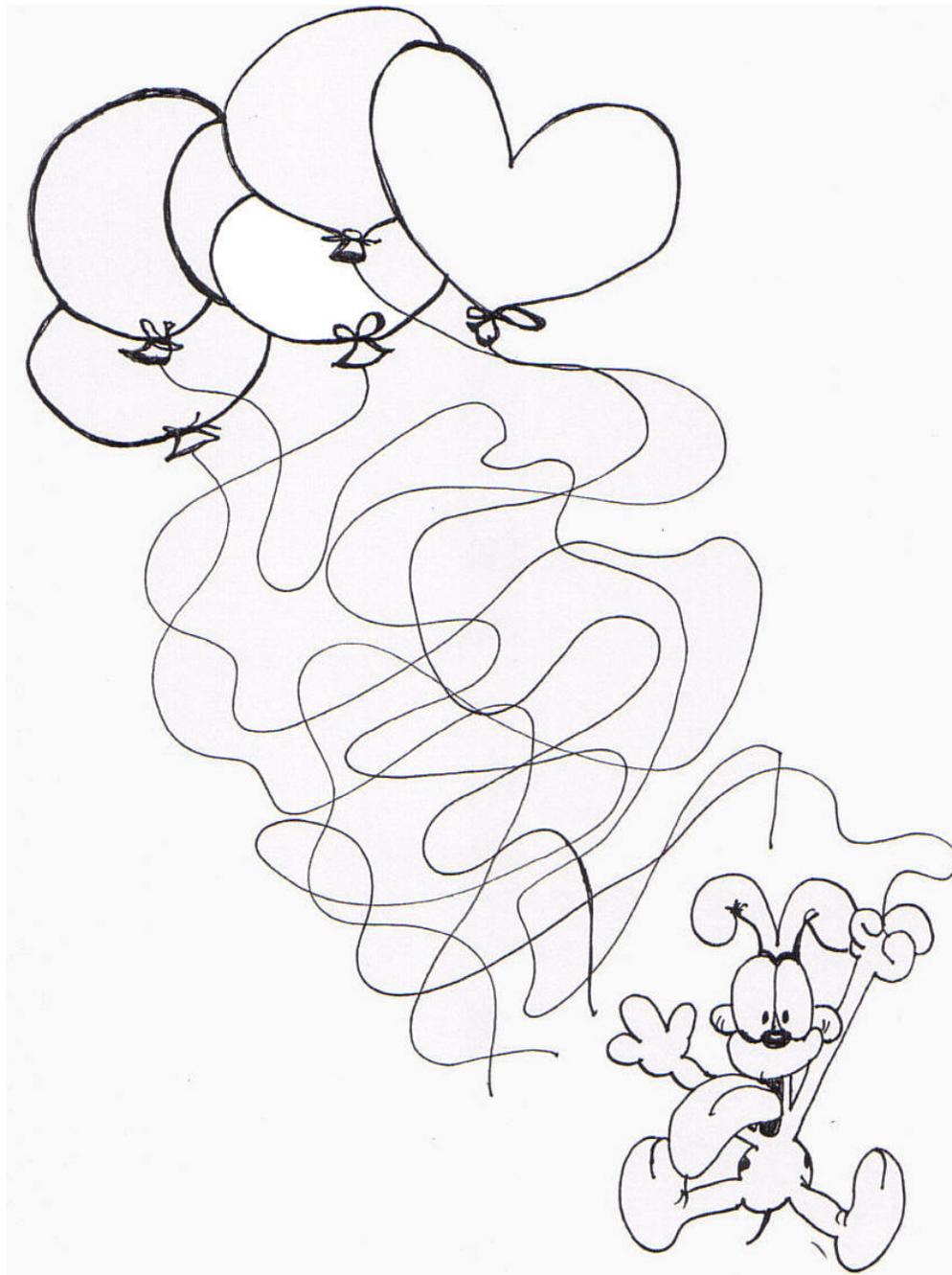
Com todos os alunos da sala de aula, fazendo um grande círculo e em pé, faremos uma "teia" de aranha com barbante.

- Dar para um dos alunos o rolo de barbante, que o leva até um colega do círculo (de qualquer lado), e fica segurando o barbante; o amigo pega o rolo e leva a outro amigo; este pega o rolo e aquele que levou fica também segurando o barbante (o que leva toma o lugar do que recebeu o rolo) Seguir nesse ritmo até que todos estejam segurando o barbante do mesmo rolo.
- Agora é desenrolar a teia. O último que ficou com o rolo de barbante começa a enrolá-lo indo em direção do que está unido a ele, este faz o mesmo, enrola a parte do barbante e segue até o outro (haverá dificuldades, pois o barbante estará bem trançado), e assim até o barbante estar totalmente enrolado.

No começo é confuso, mas quando a criança pegar atividades iguais a esta da folha, terá mais atenção e concentração para realizá-la.

## VÔO LIVRE

Siga o barbante e descubra qual é a bexiga que o cachorrinho está segurando.



Atividade adaptada de Revista **"Pintando e Brincando com Garfield."**  
S.P. Kromo Editora - 2004 - número 02 - p.16.

## **ANEXO VIII - O QUE SERÁ?**

Esta atividade consiste em reconhecer e identificar letras para crianças com distúrbio de dislexia, devido à dificuldade da leitura.

Sempre que pintar uma letra, pedir que a criança a reproduza em outra folha.

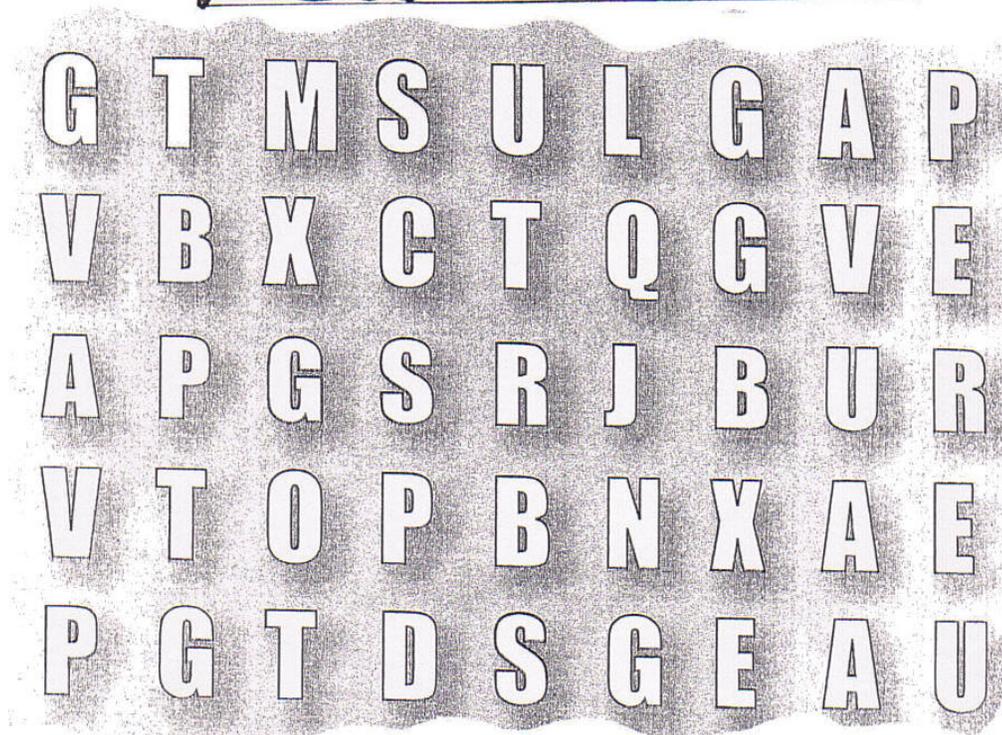
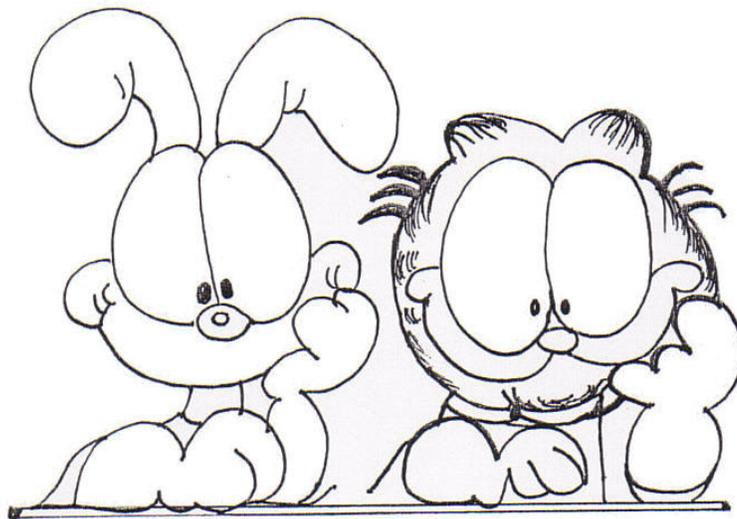
As letras que sobraram em branco, a criança as copiará unindo-as e formando a palavra.

Com atividades desse tipo o aluno conseguirá mais memorização das letras. São atividades que podem ser aplicadas com mais frequência.

Pode-se iniciar com o próprio nome da criança, depois seguir com nomes de objetos do interesse dela: carros, jogadores de futebol, times, filmes, etc.

## O QUE SERÁ?

Pinte as letras do quadro abaixo, deixando em branco as letras: A, C, D, M, N, O e R. Assim, você vai descobrir o nome de um dos pratos preferidos dessa dupla.



Atividade adaptada da Revista **'Pintando e Brincando com Garfield.'**  
S.P. Kromo Editora - 2004 - número 06 - p.22.

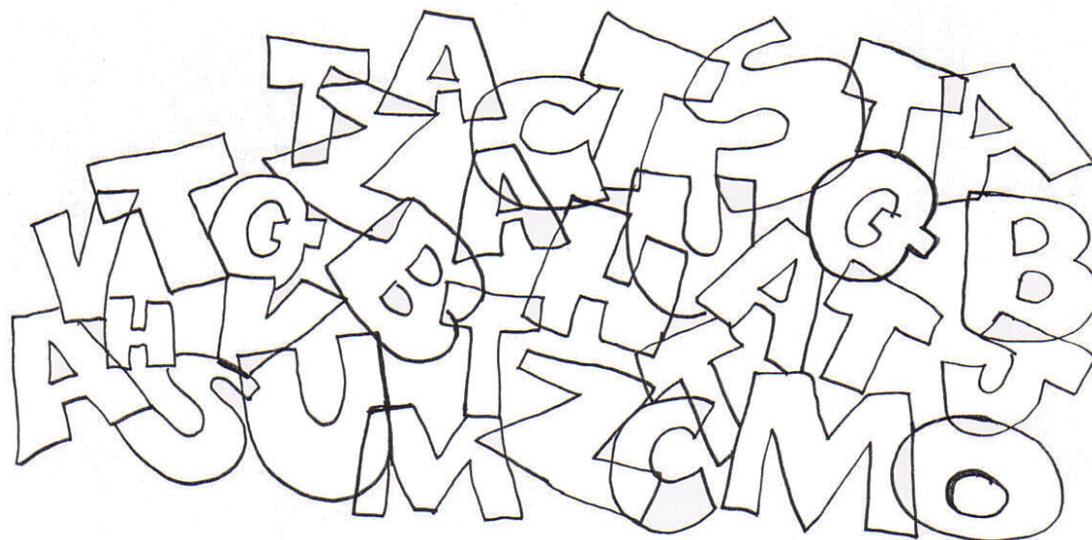
## ANEXO IX - SOPA DE LETRINHAS

Toda atenção e concentração serão necessárias, devido ao emaranhado de letras envolvidas.

A criança deverá ir eliminando com (X) ou como ela achar melhor. Poderá também reproduzir no caderno cada vez que identificar uma letra.

Para dar continuidade ao exercício, o aluno deverá escrever palavras com a letra que aparece mais vezes no grande emaranhado.

Descubra neste montão de letras qual aparece mais vezes.



Atividade adaptada da Revista "**Pintando e Brincando com Garfield.**"  
S.P. Kromo Editora - 2004 - número 02 - p.16.

## **ANEXO X - ENCONTRE AS AVES**

A atividade deve ser apresentada à criança alfabetizada, pois ela deve conhecer as letras do alfabeto.

Explicar que a atividade também é para conhecer as aves do Brasil. Discutir sobre eles, como: cores das penas, tamanho do bico, alimentação, quais correm risco de extinção, etc.

Mostrar figuras (se possível), ou pedir que pesquise, trazendo suas descobertas para que os amigos possam conhecer também.

Após breve debate, explorar o diagrama, procurando o nome dessas aves, se tiver as figuras, colar no caderno e escrever seus nomes e características.

## ENCONTRE AS AVES

Encontre 10 aves da Fauna Brasileira no diagrama abaixo.

- 1 *Andorinha*
- 2 *Arara*
- 3 *Bem-te-vi*
- 4 *Ema*
- 5 *Jaburu*
- 6 *Macuco*
- 7 *Papagaio*
- 8 *Sabiá*
- 9 *Tucano*
- 10 *Uirapuru*



Atividade adaptada da Revista "**Pintando e Brincando com Garfield.**"  
S.P. Kromo Editora - 2004 - número 01 - p.15.

## **ANEXO XI - MINHA CARA DIZ TUDO!!!**

Antes de aplicar a atividade "Minha cara diz tudo!", pode-se trabalhar com música. Canções curtas com mensagens educativas, selecionadas, visando: movimentação corporal, rodas cantadas, atividades imitativas, mímicas, dramatização.

Mostrar bonecas, gravuras, fantoches, desenhos, para dizerem qual acham bonito ou feio, se estão felizes, tristes ou zangados, etc.

Após atividades informais, distribuir a folha com a atividade anexa, deixando-os realizá-la sozinhos.

## MINHA CARA DIZ TUDO!!!

Relacione as frases abaixo com a expressão fisionômica de Garfield enumerando os seus pensamentos.

- 1 *Eu sou mesmo terrível!*
- 2 *Onde está a minha lasanha???*
- 3 *Espero que Jon não me reconheça.*
- 4 *Estou apaixonado!!!*
- 5 *Que noite horrível!!!*



Atividade adaptada da Revista "**Pintando e Brincando com Garfield.**"  
S.P. Kromo Editora - 2004 - número 05 - p.10.

## **ANEXO XII - CRUZADINHA DE VERBOS**

Em classe, quando a criança ouve ou fala, tem necessidade de observar determinados preceitos sociais se quiser integrar-se ao meio escolar e ser aceita pelos companheiros.

A linguagem oral precede a escrita e está presente em todas as atividades das demais.

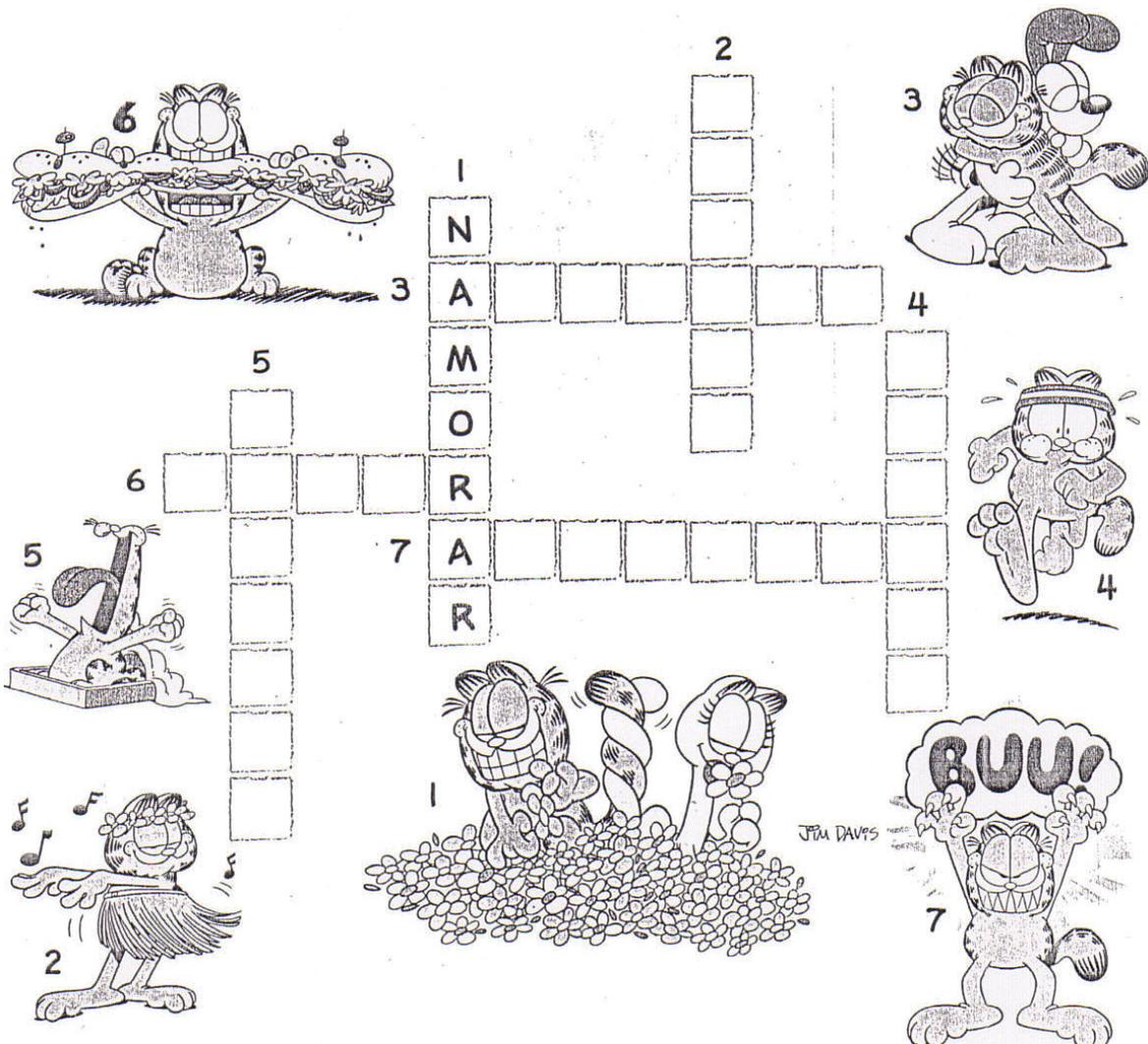
O professor conversa com os alunos sobre qualquer assunto que seja do interesse geral. Pede esclarecimento, conta coisas, faz perguntas visando a desembaraçá-los, a ouvir como falam, etc.

Surge espontaneamente e pode servir como ponto de partida para determinado fim, como: correção de erros de pronúncia e construção de frases. Fazer correções adequadas, sem inibir os participantes.

Assim, realizando atividades como essa, poderá melhorar o nível de linguagem dos alunos, e, ao mesmo tempo, explicar o significado de "verbos".

## CRUZADINHA DE VERBOS

Observe as ações de Garfield e complete a cruzadinha.



Atividade adaptada da Revista **"Pintando e Brincando com Garfield."**  
S.P. Kromo Editora - 2004 - número 04 - p.13.

### **ANEXO XIII - ATIVIDADES NO COMPUTADOR**

Distúrbios de aprendizagem como “Discaulia” (dificuldade para cálculos), “Disgrafia” (dificuldade na escrita e troca de letras semelhantes) e a “**Dislexia**”, o mais complexo e difícil de diagnosticar (porque reúne vários sintomas), atinge 10% da população mundial têm tido os estímulos visuais e auditivos do computador como forte aliado no seu tratamento.

Nos três casos, geralmente o tratamento é feito por um psicopedagogo, que utiliza programas de computador, como jogos de discriminação visual e auditiva, para estimular as crianças a ler, escrever e fazer calcular.

Computadores são utilizados nas escolas como um aliado da aprendizagem de um modo geral, e em particular por crianças com distúrbios, com o objetivo de estimulá-las a desenvolver primeiramente, as áreas nas quais apresentam maior habilidade, posteriormente, as áreas da atenção e da concentração.

Segue, anexo, um CD contendo uma série de sugestões de atividades que utilizam o computador como ferramenta para auxiliar o processo ensino-aprendizagem de crianças com dificuldades especiais.

